

EJA EC SOL



O TRABALHO ASSOCIADO E AUTOGESTIONÁRIO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

CADERNO

6

Desenvolvimento local, tecnologias sociais
e finanças solidárias



Criar uma nova cultura não significa apenas fazer, individualmente, descobertas originais, significa também e sobretudo difundir criticamente verdades já descobertas. Socializá-las por assim dizer, transformá-las portanto em bases de ações vitais, em elemento de coordenação de ordem intelectual e moral.

Antonio Gramsci

FICHA CATALOGRÁFICA

TIRIBA, Lia e FISCHER, Maria Clara Bueno (coord.). Cadernos EjaEcosol. O trabalho associado e autogestionário na Educação de Jovens e Adultos (Material Pedagógico). Niterói, RJ: Incubadora de Empreendimentos da Economia Solidária – IEES / Universidade Federal Fluminense, 2012.

Ministério do Trabalho e Emprego
Paulo Roberto dos Santos Pinto (interino)

Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES/MTE
Paul Israel Singer

Departamento de Estudos e Divulgação – SENAES/ MTE
Valmor Schiochet

Ministério da Educação - MEC
Aloizio Mercadante

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - SECADI
Claudia Pereira Dutra

Universidade Federal Fluminense
Roberto de Souza Salles

Instituto de Ciências Humanas e Filosofia – ICHF
Francisco de Assis Palharini

Incubadora de Empreendimentos da Economia Solidária da Universidade Federal Fluminense (IEES-UFF)
Maria Lucia Pontual Braga
Barbara Heliodora França
Sérgio Ricardo Castilho

Coordenação do Projeto Ações de Apoio à Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores em Articulação com a Economia Solidária
Sérgio Ricardo Castilho
Bárbara Heliodora França
Érica Barbosa
Lia Tiriba
Olinéa Cysneiros

Coordenadores de Educação de Jovens e Adultos
Eliane de Oliveira (Rede Municipal de Educação de São Gonçalo – RJ)
Ana Cristina Costa Magalhães (Rede Municipal de Educação de Niterói – RJ)

Coordenação do material pedagógico
Lia Tiriba
Maria Clara Bueno Fischer

Consultores
Sônia Rummert
Henrique Tahan Novaes
Jaqueline Ventura
Osmar Fávero

Professores das Redes Municipais de Educação de Niterói e São Gonçalo
(Ver nominata na 3ª capa)

Bolsistas da/ na Equipe Pedagógica
Diego Azevedo Sodré
Diego Sandins Ramos de Almeida
Gisela Milagres
Marcia Meireles
Tatiana de Lourdes Venceslau
Vitor Garcia
Monique Feder

Bolsistas Eja/Ecosol
Carolina Pazos Pereira
Clariana Morato Alcântara
Cristiana Maria da Silva
Diego Azevedo Sodré
Diego Sandins Ramos de Almeida
Flávia Ruas Fernandes Pereira
Gisela Milagres
Marcia Meireles
Monique Feder
Raquel Silva Barreto
Sandra Mara Alves Amâncio
Tatiana de Lourdes Venceslau
Thais Danton Coelho
Thais Barrozo Melo
Valesca de Souza Almeida
Vitor Garcia

Apoio técnico-pedagógico
Diego de Azevedo Sodré
Marcia Meireles

Programação visual e diagramação
Sylvio Marinho
Daniel Tiriba

Logomarca do projeto Eja/Ecosol
Monique Feder

Revisão
Cristiana Deluiz

Edição
Lia Tiriba

Olá, professores e professoras de Educação de Jovens e Adultos!

Olá, formadores e formadoras em Economia Solidária!

Olá, educadores e educadoras!

Bem-vind@s aos Cadernos EjaEcosol ! Organizado em seis cadernos, cada pedacinho do material pedagógico que ora apresentamos em formato digital, foi construído pensando em possíveis maneiras de articular processos de Educação de Jovens e Adultos aos princípios e práticas da Economia Solidária. No Caderno 1 encontram-se os fundamentos teórico-metodológicos que orientam os demais Cadernos, todos eles compostos de seis sessões que buscam contemplar dimensões teóricas e práticas necessárias à educação/formação em Economia Solidária – formação essa que, aos poucos, estende-se à escola pública.

A partir da premissa do trabalho associado e autogestionário como princípio educativo na constituição de novas relações econômicas, sociais e culturais, o material pedagógico pretende ser um meio pelo qual podem ser reveladas as experiências dos trabalhadores-estudantes, bem como suas capacidades de trabalho associado e autogestionário, inclusive as latentes e não manifestas. Tendo em conta a base curricular nacional de EJA, ao trazer para o currículo escolar as relações entre trabalho associado e educação, nossa intenção é contribuir para que, no interior da escola pública possam ir se tecendo práticas educativas em consonância com uma cultura do trabalho calcada nos princípios de solidariedade, autogestão do trabalho e da vida social.

Envolvendo professores e professoras das redes públicas de educação dos municípios de Niterói e São Gonçalo (Rio de Janeiro), gestores públicos, educadores dos Fóruns de Economia Solidária e outros interessados em EjaEcosol, a matriz do material formativo-pedagógico e de apoio didático foi produzida nas oficinas e discussões realizadas no Projeto de Extensão Ações de Apoio à Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores em Articulação com a Economia Solidária, desenvolvido no ano de 2011, pela Incubadora de Empreendimentos da Economia Solidária - IEES, da Universidade Federal Fluminense - UFF. Em relação à metodologia e conteúdos dos processos de formação em Economia Solidária que propomos desenvolver na Educação de Jovens e Adultos – EJA, também levamos em conta os conhecimentos até então acumulados no movimento mais amplo da Economia Solidária, expressos nos documentos elaborados pelo Fórum de Economia Solidária – FBES, Centro de Formação em Economia Solidária – CFES e Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES. Entre os sujeitos dos Cadernos EjaEcosol, não podemos deixar de registrar a consultoria de pesquisadores, bem como a presença de estudantes da UFF que, na condição de bolsistas, participaram como mestres e aprendizes.

O caminho se faz ao caminhar... A todos e todas, agradecemos pela solidariedade e compromisso ético-político em defesa da educação integral das trabalhadoras e trabalhadores-estudantes de EJA.

Equipe EjaEcosol

Envie sugestões e comentários para cadernosejaecosol@gmail.com

CADERNO

1**EjaEcosol na teoria e na prática**

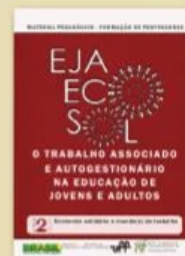
Fundamentos teórico-metodológicos
 Biblioteca Virtual
 Navegação solidária
 Vídeos e filmes de curta
 Sala de leitura (textos em PDF)
 Referências bibliográficas



CADERNO

2**Economia solidária e mundo(s) do trabalho**

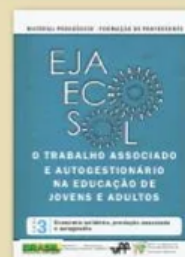
Para início de conversa...
 Atividades pedagógicas
 Palavras de trabalhadores-estudantes
 Produção associada de saberes
 O mundo dentro e fora da escola
 O que é o que é...



CADERNO

3**Economia solidária, produção associada e autogestão**

Para início de conversa...
 Atividades pedagógicas
 Palavras de trabalhadores-estudantes
 Produção associada de saberes
 O mundo dentro e fora da escola
 O que é o que é...



CADERNO

4

Economia solidária, processo de trabalho e processo educativo

Para início de conversa...
 Atividades pedagógicas
 Palavras de trabalhadores-estudantes
 Produção associada de saberes
 O mundo dentro e fora da escola
 O que é o que é...



CADERNO

5

As feiras de troca como espaço de aprendizagem de novas relações sociais de produção

Para início de conversa...
 Atividades pedagógicas
 Palavras de trabalhadores-estudantes
 Produção associada de saberes
 O mundo dentro e fora da escola
 O que é o que é...



CADERNO

6

Desenvolvimento local, tecnologias sociais e finanças solidárias

Para início de conversa...	9
Atividades pedagógicas	19
Palavras de trabalhadores-estudantes	48
Produção associada de saberes	54
O mundo dentro e fora da escola	64
O que é o que é....	70

Caderno 6

Desenvolvimento local, tecnologias sociais e finanças solidárias

Para início de conversa...



<http://polizeros.com/2009/03/28/tens-of-thousands-at-london-g20-protest/>

Geralmente, as propostas de *desenvolvimento* aparecem acompanhadas de alguma outra palavra, na tentativa de lhe imprimir um sentido mais específico: desenvolvimento capitalista, desenvolvimento nacional, desenvolvimento sustentável, desenvolvimento insustentável, desenvolvimento humano, ecodesenvolvimento, desenvolvimento endógeno, desenvolvimento socioeconômico-ambiental. Desenvolvimento social, desenvolvimento local, regional são as mais comuns nos dias de hoje. Também aparecem como uma variante – desenvolvimento ou neodesenvolvimentismo – para caracterizar os processos de crescimento econômico na América Latina no pós-guerra e no início do século XXI.

Porém, esse debate se inicia muito antes. Para Marx, que entrou nessa disputa no século XIX, o desenvolvimento significaria desenvolver o ser humano em suas múltiplas dimensões (intelectuais, físicas, culturais, materiais, etc.). A preocupação com o desenvolvimento, no entanto, ganha força no pós-guerra, em simultâneo ao processo de independência das colônias europeias. Teorias conservadoras como a de W. Rostow e Arthur Lewis buscaram sugerir um caminho – muitas vezes mimético e não diferenciando as especificidades da periferia – para o “desenvolvimento” desses países.

A análise do tema do desenvolvimento no contexto latino-americano supõe a pesquisa das suas especificidades e o entendimento do conceito de subdesenvolvimento e desenvolvimento, dado que eles marcam a oposição entre dois processos ou duas condições que, apesar de funcionais uma a outra, resultam de processos históricos completamente distintos mas interligados. Numa posição politicamente mais incisiva, que reconhecia a intencionalidade dos atores que, em função de seus valores e interes-

A análise do tema do desenvolvimento no contexto latino-americano supõe a pesquisa das suas especificidades e o entendimento do conceito de subdesenvolvimento e desenvolvimento,



<http://www.globalizacionmoraae.blogspot.com.br/>

ses, tendiam a obstaculizar a proposta “desenvolvimentista” - Celso Furtado, em 1974, escreveu sobre “O Mito do Desenvolvimento”. Nos anos 1970, Giovanni Arrighi (1997) escreveu sobre “A ilusão do desenvolvimento”. A mensagem dos livros é parecida. Diante das estruturas de divisão do trabalho entre Norte e Sul, o desenvolvimento, para os países do Sul, não passa de um mito ou uma ilusão. Isso não significa dizer que os mesmos não podem começar uma nova trajetória de desenvolvimento para além do capital, mas que devemos ponderar os limites da mesma diante da divisão internacional do trabalho, que “condena” os países do Sul à produção de bens primários e à importação de produtos industrializados, além de preservar uma estrutura de consumo perdulária das elites do Norte e do Sul. .

Se entendido como uma promessa de futuro baseada na ideia de “progresso” que tem como motor o desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia, o desenvolvimento almejado ainda não se realizou e dificilmente se realizará se seguirmos uma rota dentro da órbita do capital. A única coisa que progride no capitalismo pós 1973 é a barbárie. Essa “promessa de futuro” e “progresso” se realizou em alguns países e para apenas uma parte da huma-



news.cruise1st.co.uk/.../africa-untouche...

nidade até os anos 1970. Após 1973, nem mesmo nos países dito “desenvolvidos”, o cenário foi favorável: concentração de renda, aumento da miséria, crescimento do desemprego e subemprego até mesmo para os trabalhadores “qualificados”, aumento dos casos de depressão, crescimento do número de sem-teto, aumento da poluição, etc., são apenas alguns dos exemplos do progresso da barbárie que vem acontecendo nestes países.

As mazelas do subdesenvolvimento – a pobreza, a desigualdade social e a dependência externa – não podem ser resolvidas pela simples aceleração do crescimento. Mais que isso, é preciso sepultar a ideia de que os padrões de consumo das economias centrais po-



blog.inesc.org.br

dem ser generalizados para o conjunto da população mundial. A modernização dos padrões de consumo na periferia, ou melhor, a reprodução mimética desses padrões de consumo pela nossa elite, é o principal responsável pela perpetuação do subdesenvolvimento (Sampaio Jr., 2006).

A noção de desenvolvimento diz respeito à capacidade do ser humano de controlar o seu destino. Assim, numa nova proposta de desenvolvimento para além do capital, o crescimento estaria subordinado à lógica das necessidades humanas (Sachs, 1993). Refazer as ligações entre os seres humanos e entre a humanidade e o mundo sensível exterior colocaria as necessidades humanas em primeiro plano e o equilíbrio ambiental não como limite, mas como condição sine qua non para o desenvolvimento.

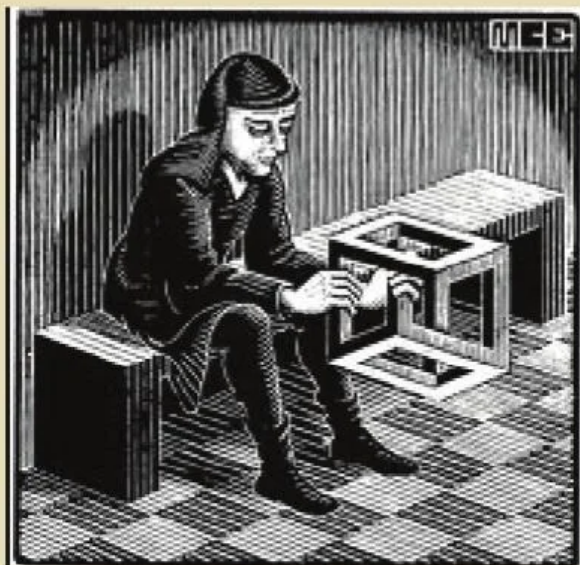
O desenvolvimento local articulado ao desenvolvimento nacional deve ter como base o horizonte temporal da ecologia no qual os cálculos de planejamento de

As mazelas do subdesenvolvimento – a pobreza, a desigualdade social e a dependência externa – não podem ser resolvidas pela simples aceleração do crescimento.

produção e uso dos recursos naturais deveriam ter um horizonte de longo prazo, o que sinalizaria a utilização adequada dos recursos naturais pela pelas atuais gerações, pensando evidentemente, na sociedade que gostariam de deixar para os nossos netos. A participação dos trabalhadores nas decisões acerca do caráter e dos objetivos do desenvolvimento é imprescindível para a proposta de desenvolvimento aqui esboçada.

Uma nova proposta de desenvolvimento local- vinda dos movimentos sociais anti-capital - deve trazer necessariamente no seu bojo a necessidade de superação do trabalho alienado, isto é, geração de trabalho para todos os habitantes do planeta em condições de realizá-lo, trabalho este que seja prazeroso, com sentido social, produtor de valores de uso, com graus crescentes de desmercantilização. Nisso a autogestão no sentido amplo cumpriria um papel fundamental como “presente” e “futuro” que guia esse estilo alternativo de desenvolvimento.

Além disso, quando se fala de desenvolvimento, a questão tecnológica sempre é abordada. No entanto, ela quase sempre passa pela ideia de que o desenvolvimento científico e tecnológico levariam, necessariamente, ao desenvolvimento de uma sociedade. Essa é uma máxima que está fundada em uma visão neutra e determinista da ciência e da tecnologia (C&T). A neutralidade tecnocientífica, isto é, entender a C&T desprovida de valores e interesses, acarreta a percepção da tecnociência como uma verdade que não é passível de questionamento, uma verdade única e intrinsecamente positiva para a humanidade. Por isso, mais ciência e mais tecnologia sempre resultariam em desenvolvimento e bem estar social. Será? Essa idéia a nosso ver equivocada, por vezes, acarreta em argumentos como o que faltaria para o desenvolvimento de países de capitalismo periférico, como o Brasil, seria mais investimento em Ciência e Tecnologia (C&T).



Maurits Cornelis Escher

A política científica deve se basear em demandas efetivas da sociedade e que essas demandas devem ser supridas por um sistema de C&T capaz de interagir efetivamente com os embriões de sistema produtivo dos movimentos sociais e populares.

Essa ideologia, no entanto, vem sendo sistematicamente criticada. A política científica deve se basear em demandas efetivas da sociedade e que essas demandas devem ser supridas por um sistema de C&T capaz de interagir efetivamente com os embriões de sistema produtivo dos movimentos sociais e populares. Se partirmos do pressuposto de que a C&T devem estar conectadas às necessidades humanas, que não são neutras (Dagnino, 2008) e que a produção deva ser organizada de maneira autogerida, podemos fazer algumas constatações sobre a C&T:

A primeira constatação é que existe uma tecnologia convencional (ou capitalista), que é hegemônica e as tecnologias alternativas (tecnologia social, apropriada, etc.), como forças em busca de uma outra hegemonia. A tecnologia capitalista pressupõe uma intenção a priori que é contrária ao estilo de desenvolvimento que pretende superar a alienação do trabalho. Isso porque no modo de produção especificamente capitalista, o trabalhador, além de não possuir os meios de produção, não dispõe do controle do próprio trabalho, não decidindo o que fazer (produto), como fazer (processo) nem para quem fazer.

É nesse momento que o papel da tecnologia capitalista é evidenciado, uma vez que a subsumção real do trabalho pelo capital se dá por meio do emprego de novas tecnologias tendo em vista a dominação dos produtores e consumidores, ou a exploração dos trabalhadores e a reprodução ampliada do capital. Ao empregar essas novas tecnologias, as corporações reduzem a parte paga ao trabalhador,



O sapateiro de Alfama/
Lisboa



qualiblog.files.wordpress

isto é, o tempo de trabalho necessário, e aumentam o tempo excedente de trabalho. A tecnologia acarreta aumento da produtividade do trabalho, isto é, o máximo de produto com o mínimo de trabalho. Por isso, a tecnologia é vista apenas como meio para a exploração do trabalho, como meio de apropriação do trabalho excedente para gerar mais valia (mais valor) relativa/o.

Essa é uma das características da tecnologia capitalista que é contraditória à autogestão, mas existem outras como a insustentabilidade ambiental, o controle que ela exerce no trabalhador, os processos de obsolescência planejada, o controle do consumidor, a expropriação do saber dos trabalhadores, etc. que não exploraremos aqui. Tudo isso desembocaria na necessidade de outro tipo de desenvolvimento tecnológico, que traria para o debate a proposta da Adequação Sociotécnica (AST). A AST serviria como uma ponte entre a Tecnologia Convencional e *Tecnologia Social* (Dagnino, 2009), isto é, aquela tecnologia necessária para o desenvolvimento integral do ser humano, que envolveria o controle pelos trabalhadores (autogestão), a propriedade coletiva e a desmercantilização da produção. Para se desenvolver, a *Tecnologia Social* demandaria novas condições gerais de produção e reprodução da vida social que assegurem o *desenvolvimento local* sob outras bases: subsídios às cooperativas e associações, articulação dos produtores associados com os consumidores, fortalecimento do *comércio justo* e do *consumo solidário*, criação de bancos comunitários e outras formas de *finanças solidárias*. Exigiria também a organização do sistema educacional para atender às necessidades da produção associada.

Autores: Henrique T. Novaes e Laís Fraga



Henrique Tahan Novaes

BIBLIOGRAFIA

ARRIGHI, G. *A ilusão do desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CHESNAIS, F. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996.

DAGNINO, R. *Neutralidade da ciência e determinismo tecnológico*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2008.

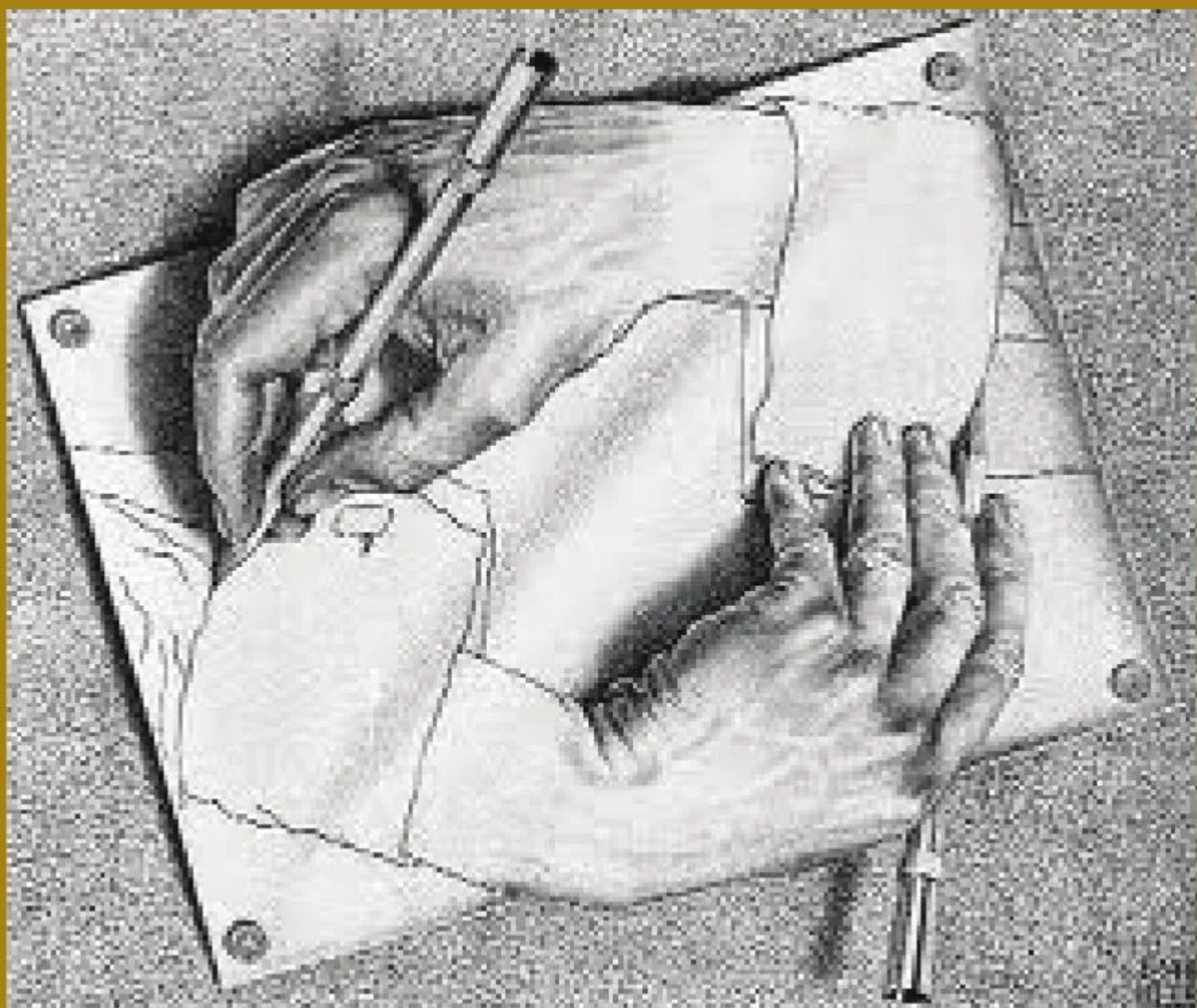
DAGNINO, R. (Org.). *Tecnologia social: ferramenta para construir outra sociedade*. Campinas, IG/UNICAMP, 2009.

LOWY, M. *Ecologia e socialismo*. São Paulo: Cortez, 2005.

SACHS, I. *Espaços, tempos e estratégias de desenvolvimento*. São Paulo: Vértice, 1986.

SAMPAIO JÚNIOR, P. de A. *O impasse do desenvolvimento nacional*. http://www.desemprego-zero.org.br/artigos/o_impasse_do_desenvolvimento_nacional.php. Capturado em 02 de maio de 2007.

Ementa: Desenvolvimento local, *Tecnologias sociais*; Finanças solidárias; Bancos Comunitários; Comércio justo; Consumo ético e solidário.



Maurits Cornelis Escher

Atividades Pedagógicas



Componente curricular: Artes

Conteúdo: Estética, produção e consumo.

Objetivo: Identificar e problematizar a dimensão estética na produção e comercialização de produtos na economia capitalista e na Economia Solidária.

Embelezando e nos embelezando com a Economia Solidária

Uma preocupação central dos trabalhadores/as da Economia Solidária é a questão da viabilidade econômica do empreendimento, ou seja, se ele terá condições de se sustentar sem precarizar as condições do trabalho e sem abandonar seu horizonte utópico. Um dos principais objetivos da Economia Solidária é colocar nas mãos e mentes dos trabalhadores/as o controle dos meios de produção e da gestão do processo de trabalho, por meio do exercício de práticas de autogestão e ‘radicalização’ da democracia.

Algumas vezes, na luta pela sobrevivência ‘aqui e agora’, os trabalhadores/as associados necessitam, usualmente, se inserir no sistema de trocas de mercadorias do mercado capitalista. Ao mesmo tempo, porque lutam por outro mundo possível, buscam estabelecer relações com outros empreendimentos solidários de uma mesma cadeia produtiva e entre cadeias e, além disso, trabalham para conquistar e educar consumidores orientados pelos princípios do consumo ético e solidário e comércio justo e solidário.

A empreitada não é fácil! Além de fazer produtos de boa qualidade, é preciso que seja bem feito; com cuidado estético! É preciso embelezar o processo de trabalho – sim! - e os produtos do trabalho! Dizer o que é



DICAS

- Leia a matéria A união do social com o belo disponível em: <http://migre.me/9rT8u>



belo, no âmbito da Economia Solidária, também não é uma tarefa fácil! No sistema capitalista em que vivemos, somos bombardeados de mercadorias empacotadas com materiais caros e sofisticados que, muitas vezes, não dizem nada sobre a qualidade do produto que está sendo vendido. Compramos, às vezes, porque nos seduzem pela embalagem e pelas incríveis propagandas. Mas, afinal, que sentidos de belo e de cuidado estético estão presentes na Economia Solidária? No consumo ético e no comércio justo e solidário, como forma e conteúdo podem se relacionar coerentemente? Isto é, como podemos mostrar com beleza os produtos, por fora e por dentro. Isso é algo a ser construído nesta longa jornada por outro modo de produzir e de consumir, no qual o valor de uso dos produtos e o trabalho estejam no centro de nossas preocupações (e não apenas a venda das mercadorias).



Recursos didáticos: Materiais diversos (tintas, cartolina, papel pardo, etc.) e sítios da internet (indicados no “Passo a passo”).

Passo a passo:

1 - Solicitar aos trabalhadores-estudantes que, no dia em que acontecer esta atividade, tragam produtos dentro das suas respectivas embalagens. Podem, também, trazer fotos de festas em que apareça a organização do espaço, os enfeites utilizados, etc.

2 - Em grande grupo, estimule a discussão a respeito da embalagem dos produtos e dos próprios produtos que trouxeram e dos cuidados estéticos das festas que aparecem nas fotos. Além disso, o professor/a poderá projetar imagens como as sugeridas ao longo dessa atividade. Provoque os trabalhadores-estudantes a

pensar sobre estética e beleza: sentidos atribuídos, critérios adotados, condições materiais e subjetivas para produzirmos algo com cuidado estético.

3 - Passe o vídeo Teaser Feira Terra Viva. Explore a relação entre produção, comercialização e consumo e o tema específico da atividade: como são apresentados os produtos? O que eles dizem sobre como foram produzidos? O que seduz o consumidor que vai a uma feira agroecológica a comprar os produtos? Como forma e conteúdo se articulam nesses momentos?



<http://migre.me/9rTee>

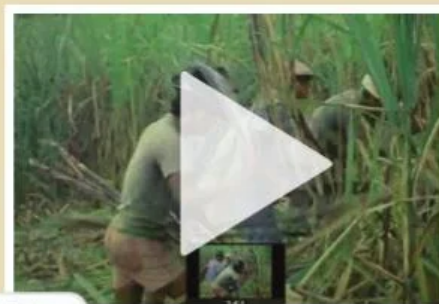
4 - Dividir a turma em grupos. Cada um deles escolherá confeccionar, em aula, embalagens para produtos que serão, hipoteticamente, trocados ou comercializados em redes de comércio justo, utilizando recursos materiais disponíveis. Sinalize que, de preferência, as embalagens devem valorizar a beleza dos produtos 'por dentro e por fora'

Avaliação: Propor a escrita de um pequeno texto em que os trabalhadores-estudantes respondam à seguinte questão: Como os produtos da Economia Solidária devem ser apresentados aos seus consumidores? Os estudantes deverão incorporar, no texto, com sua linguagem, os aspectos centrais discutidos na atividade como, por exemplo, a necessidade de se estabelecer uma nova relação entre forma e conteúdo baseada nos princípios da Economia Solidária.



DICAS

● Interessante observar que, mesmo sob condições precárias, os trabalhadores/as tentam tornar belo o processo de trabalho. Aprecie, por exemplo, documentário os **Cantos do trabalho**, produzido entre 1974 e 1976 por Leon Hiszamn, sobre as cantorias dos trabalhadores da zona rural do Nordeste. A trilogia é formada por: Cana-de-Açúcar (1), Cacau (2) e Mutirão (3).



1. <http://migre.me/9rTku>
2. <http://migre.me/9rTIF>
3. <http://migre.me/9rTm1>

Componente curricular: Inglês

Conteúdo: Interpretação de texto

Objetivos: Desenvolver a habilidade de interpretação de textos em inglês; identificar e analisar os objetivos e as características de um banco comunitário, compreendendo-os como uma das facetas das finanças solidárias

E se criássemos banco?

Os Bancos Comunitários foram criados com o intuito de apoiar economias populares de municípios de baixo IDH, contribuindo para o desenvolvimento local ao incentivar o comércio e a criação de unidades de produção associada no território onde se insere. O Ministério do Trabalho define bancos comunitários da seguinte forma:

São projetos de apoio a economias populares de municípios de baixo IDH, prestam serviço financeiro solidário em rede de natureza associativa e comunitária, voltados para a geração de trabalho e renda promovendo a economia solidária. Os bancos comunitários são de propriedade da comunidade, que também é responsável por sua gestão.⁽¹⁾

A circulação do dinheiro dos moradores na própria comunidade é um fator essencial para o desenvolvimento local. Nesse sentido, organizam um Banco Comunitário, criando uma moeda social, que só é aceita na própria comunidade. A proposta é que todos aqueles que comercializem seus produtos, ofereçam descontos a quem usar a moeda. Além do mais, um Banco Comunitário pode oferecer empréstimos a juros baixos, seja para pagar dívidas ou criar empreendimentos da Economia Solidária. A qualidade de vida da comunidade pode melhorar



DICAS

- Lembre-os da existência de incubadoras de Economia Solidária como a IEES-UFF que podem ajudá-los a criar um banco comunitário, caso os estudantes desejem. Para obter mais informações sobre os projetos Preventório e Saracuruna, coordenados pela IEES-UFF, veja, <http://bancocomunitario.com/>

consideravelmente quando o dinheiro poupado é investido em serviços e equipamentos públicos em educação, saúde, cultura e lazer. Isto é, a serviço do bem comum.

Assim, um Banco Comunitário, como se pode perceber, faz parte do que se denomina de Finanças Solidárias. Estas são uma resposta contrarária à lógica das finanças hegemônicas.

As finanças hegemônicas captam recursos de muitos para gerar crescente concentração e centralização entre poucos, estruturam-se diversas modalidades financeiras, muitas vezes denominadas “finanças solidárias” (FS), visando democratizar os recursos financeiros, para que as finanças operem a serviço das necessidades de todos. (2)

Fica claro, então, que um Banco Comunitário pode servir para a construção de uma sociedade em que o Trabalho não esteja subjugado ao Capital apoiando o desenvolvimento do bairro ou comunidade numa perspectiva autogestionária. Como vimos, a associação de moradores e trabalhadores em torno de um Banco Comunitário pode incentivá-los a lutar por outros direitos, como saúde e educação de qualidade na sua comunidade, além de causas ambientais. Já pensou como seria diferente trabalhar numa unidade democrática e autogerida de produção associada, usar os serviços de um Banco Comunitário e discutir a vida da comunidade de forma coletiva?

Recursos didáticos: Texto Palmas Bank: Microcredit in Brazil

(1) http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/prog_fomento_financas_bb.asp

(2) Texto de Ruth Muñoz (2009) na sessão O que é o que é deste capítulo.



DICAS

- Sobre a os bancos existentes no Brasil que compõem a Rede Brasileira de Bancos Comunitários, veja

<http://migre.me/9rTrc>



Passo a passo:

1 - Trabalho em pequenos grupos para debater as seguintes perguntas: Para que serve um banco? Quais as principais vantagens e desvantagens de se lidar com bancos? Seria possível viver sem os bancos? E se os objetivos de um banco fosse o bem comum da comunidade e dos moradores do local? Como seria o seu funcionamento?

2 - Após a apresentação das reflexões dos estudantes, o/a professor/a faz uma breve explanação sobre Bancos Comunitários e Finanças Solidárias.

3 - Leitura silenciosa do texto *Palmas Bank: micro-credit in Brazil* seguida de análise do vocabulário e resposta às duas questões propostas.

4 - Leitura e conversa coletiva a partir das respostas dos alunos.

5 - Ao final, promova um debate sobre a necessidade e as possibilidades de ser criado um Banco Comunitário na comunidade onde moram.

Avaliação:

A avaliação ocorrerá em dois momentos. O primeiro quando responderem às questões do texto. A/O professor/a acompanha atentamente às respostas e confirma ou problematiza as mesmas. O segundo momento é no debate sobre a criação do Banco na comunidade. Aqui, novamente, a professora ou o professor ficará atento ao conteúdo dos argumentos. Como o tema é complexo, provavelmente a avaliação trará elementos para a realização de novas atividades relativas ao tema dos Bancos Comunitários e Finanças Solidárias.



Palmas Bank: Microcredit in Brazil by Eduardo Martino

Palmas notes being counted at Palmas Bank's cashier (photo by Eduardo Martino).

In Conjunto Palmeiras, a poor neighborhood on the outskirts of Fortaleza in Northeast Brazil, a group of resourceful inhabitants have found a way to fight against poverty: they print their own money.

By creating a currency that could be used for goods and services within the community of 32.000 people, they have been able to stimulate the local economy, create and support new business and bring financial services to people who previously had no access to banking. The currency, called "Palmas", like the community bank that administers it, was introduced 10 years ago with a small grant got from a NGO. Initially the bank had only five clients and held only R\$2,000 (760) in funds but now the currency is worth about R\$1.8m (682,000).

Maria Dacilia De Lima Silva, Palmafashion's manager, in their factory at the back of Palma Bank's premises. Palmafashion is a small but successful clothes company (photo by Eduardo Martino)

As most people or small companies in the community don't hold any official credit record within the mainstream financial organizations, the Palmas Bank uses a more common-sense approach to credit ratings, often sending their employees to talk to a client's neighbors in order to find out if they have a bad reputation.

Of course many goods are not produced inside the community and need to be purchased elsewhere. So the Brazilian official currency, Real, is also used. But by simply circulating the local currency many small businesses have flourished.

This successful example has multiplied around Brazil. Today there are 40 community banks like Pal-



DICAS

- Ainda sobre esse assunto, leia o artigo de João Joaquim de Melo Neto Segundo em **Le Monde Diplomatique Brasil**:
<http://migre.me/9rTup>



mas Bank in Brazil, benefiting over 100.000 workers.

Cut from <http://www.documentography.com/feature.php?arid=257>

Vocabulary build up:

Business = negócio

Currency = moeda

Grant = concessão

Held = mantido => to hold = manter

Mainstream Organizations = as principais organizações de um determinado ramo.

Neighbor = vizinho

Neighborhood = vizinhança

NGO = Organização Não-governamental (ONG)

Outskirts = periferia

Poverty = pobreza

Resourceful = engenhoso

to worth = valer

to find out = descobrir

to purchase = comprar

to flourish = florescer, criar.



Read carefully and answer, in Portuguese, the questions below:

1 - According to the text, how could Palmas Bank fight poverty?

2- How Palmas Bank does work in its task to support the local development?

3 – What does Palmas Bank do to avoid clients with bad reputation?





Componente curricular: Ciências

Conteúdo: *Desenvolvimento local e sustentável*

Objetivo: Identificar relações entre princípios e práticas de Economia Solidária e *desenvolvimento local e sustentável*

A ciência da vida: qual desenvolvimento?

O estilo de vida criado pelo capitalismo industrial sempre será o privilégio de uma minoria. O custo em termos de depredação do mundo físico, desse estilo de vida é de tal forma elevado que toda tentativa de generalizá-lo levaria inexoravelmente ao colapso de toda uma civilização, pondo em risco a sobrevivência da espécie humana. (Celso Furtado, 1974) clara, QUAL A REFERÊNCIA????

Estas palavras de Celso Furtado nos fazem pensar sobre a crise civilizatória pela qual estamos passando e que, muitas vezes, nem nos damos conta! Não se trata somente de uma crise econômica, mas de um modo de vida frente ao qual, como seres históricos que somos, precisamos encontrar saídas. Os debates atuais sobre concepções e projetos de desenvolvimento e de sustentabilidade do planeta e das sociedades que apontam caminhos alternativos ao modo de produção da existência capitalista são uma das manifestações nesse sentido.

É neste horizonte mais amplo que se torna relevante analisar a experiência da Economia Solidária. A Economia Solidária implica em desenvolvimento local e sustentável, em que o meio ambiente e as comunidades sejam respeitados. Encoraja-se o consumo cons-



DICAS

● A luta por um novo tipo de desenvolvimento passa pela luta contra políticas públicas que desrespeitam os direitos históricos da classe trabalhadora. Nos links abaixo, veja as manifestações populares ocorridas em Portugal e na Espanha, em fevereiro de março de 2012, respectivamente:

- <http://migre.me/9rTxh>
- <http://migre.me/9rTxD>

ciente que, a partir do comércio justo, implica num controle da origem do produto, incluindo as condições de trabalho e, também, uma remuneração justa dos produtores.

Várias empresas capitalistas, atentas à crise da referência do modo capitalista de existir como o melhor dos mundos, douram a pílula para continuar explorando e dominando os trabalhadores e destruindo o meio ambiente. Para isto, segundo Slavoj Zizek, em um documentário chamado *First as Tragedy, Then as Farce*, os capitalistas veiculam a ideia de que cabem aos consumidos o dever de acabar com a pobreza, salvar a “mãe-natureza”. Nessa perspectiva, vendem junto com a mercadoria, a cultura da caridade e do ambientalismo. Em suas palavras, “é como se você comprasse a sua redenção por ser apenas um consumidor”, tendo já feito a sua parte por um mundo melhor. Ora, isto é não é mudar o rumo das coisas !

Seria possível um tipo de desenvolvimento com pequenos produtores, que não poluíssem os solos com agrotóxicos, não plantassem transgênicos e não explorassem o trabalho infantil? A Economia Solidária, aliada ao comércio justo e consumo consciente, poderia apontar alternativas ao capitalismo? Sim, porque defensora da propriedade coletiva dos meios de produção, dos princípios da democracia e da autogestão e do consumo consciente e solidário, a Economia Solidária se institui como uma prática histórica que carrega ideais históricos de emancipação da classe trabalhadora. No entanto, o consumo consciente pode ser condição necessária para a sustentabilidade do planeta e dos seres humanos, mas não suficiente. É necessário comprar produtos originários de iniciativas de trabalho associado e autogestionário e, ainda, participar de movimentos sociais alternativos à soberania do capital, ao invés de simplesmente consumir produtos com selos garantindo o fair trade. Enfim, é preciso uma prática que



DICAS

- Por falar em justiça, não perca o som maravilhoso que começa mansinho no Rio de Janeiro e em seguida vão se integrando instrumentos e instrumentistas espalhadores pelo Brasil e pelo mundo. Observe o que eles reivindicam.



<http://migre.me/9rTz5>

contrarie a lógica do capital: a prática ecossolidária é um dos bons caminhos!

Recursos didáticos: Vídeo (Da Farsa à Tragédia)

Passo a passo

1 - Inicie a aula conversando sobre comércio justo e consumo consciente. Peça aos estudantes para listarem os produtos consumidos por suas famílias;

2 - Na aula seguinte, passe e o documentário Da Farsa à Tragédia.



3 - Tendo em conta as críticas de Zizek aos sistema capital, discuta quais poderiam ser as implicações do comércio justo para o desenvolvimento de uma comunidade, tanto nas esferas socioeconômica e cultural quanto na ambiental. Dialogue sobre a possibilidade de eles praticarem o comércio justo: Como? Onde?

Avaliação

A turma será dividida em dois grupos. Um dos grupos prepara uma defesa de um projeto hipotético de desenvolvimento local, com base em princípios e práticas da Economia Solidária. O outro grupo ouvirá a defesa e irá fazer questionamentos, como se fosse a comunidade alvo do projeto de desenvolvimento local. Considere a capacidade de argumentação a respeito das relações entre produção, comercialização, consumo e desenvolvimento.



DICAS

- Para se inteirar mais do assunto, visite o site do Sistema Nacional de Comércio Justo e Solidário - <http://migre.me/9rTBN>

Componente curricular: Educação Física

Conteúdo: Saúde no trabalho.

Objetivos: Identificar os Bancos Comunitários como elemento fundamental das finanças solidárias e sua relação com o *desenvolvimento local*. Identificar os processos degenerativos decorrentes da organização capitalista do trabalho bancário..

Em que banco você guarda a sua saúde?

Os Bancos Comunitários são uma das manifestações da Economia Solidária. Um Banco Comunitário contribuir para o desenvolvimento local, pois além fazer florescer o comércio local (idealmente formado em sua maioria por organizações da Ecosol), pode favorecer o fortalecimento de uma rede de solidariedade na comunidade. Um Banco Comunitário permite a geração e distribuição de renda. No que diz respeito à organização do trabalho, um morador local pode executar diferentes tarefas, pois há rotatividade na realização das mesmas. No Banco Comunitário de Saracuruna, por exemplo, de três em três dias, os trabalhadores mudam do caixa para a função de gerência.

Os bancos convencionais são muito diferentes dos comunitários, pois se inserem na dinâmica do processo de acumulação capitalista. Os fins são as taxas de lucro e não o investimento na melhoria efetiva das condições de vida da população. O desenvolvimento local, sustentável e solidário está longe das metas de um banco convencional. A organização do processo de trabalho dos bancos convencionais não é a do controle democrático e autogerido do trabalho, pois, por definição, alienam o trabalhador do processo e do produto do trabalho.



DICAS

- Leia **A loucura do trabalho**, de Christophe Dejours. São Paulo: Oboré; 1987.



Reunião no Banco Palmas

No setor bancário convencional, muito se tem acumulado através da exploração do trabalho e das (i) lógicas do mercado financeiro. Assim, o crescimento geométrico dos lucros não é acompanhado por melhores condições de vida e de trabalho dos bancários ou das comunidades onde esses bancos se localizam. Muitas vezes é exatamente o contrário, ocorre uma perda de direitos conquistados. Assim, evidentemente, a saúde do bancário é abalada. Tendo que alcançar metas inatingíveis; enfrentar o medo de serem demitidos; conviver com o risco de seqüestros e assaltos a bancos; sobreviver ao prolongamento da jornada de trabalho; administrar a baixa remuneração (especialmente se comparada aos lucros estratosféricos dos bancos), entre outros “desafios”, há bancários que desenvolvem sérios problemas de saúde, desde o estresse, a tensão, a depressão e a vontade de suicídio, até casos de LER/DORT (Lesões por Esforço Repetitivo/Doenças Osteomusculares).

Neste sentido, os objetivos de uma banco – se convencional, visando o lucro; ou comunitário, visando o bem comum – vão incidir diretamente na organização do processo de trabalho e a saúde dos trabalhadores. Organizar um Banco Comunitário implica em ser coerente, também do ponto de vista da gestão do trabalho, com os princípios da Economia Solidária. Consequentemente, um banco que preze pela organização democrática e solidária no local de trabalho e na vida social tenderá a cuidar da saúde e do bem estar dos trabalhadores. Conclui-se que atentar para a saúde do trabalhador não se resolve somente com dinâmicas de ginástica laboral ou induzindo os trabalhadores para, individualmente, resolverem os seus problemas individuais e coletivos.



DICAS

- Veja também **Saúde mental e trabalho bancário:**
<http://migre.me/9rTGQ>



Recursos didáticos:

Materiais variados, levados pelo professor, para uso no momento da dramatização: cartolina, canetas, pinéis atômicos, material de escritório, caixas de papelão, telefones, cédulas, entre outros.

Passo a passo:

1 - Dialogue com os estudantes sobre a diferença entre os bancos convencionais e os Bancos Comunitários (O que são? O que fazem? Quais as suas relações com a comunidade local? Quais seus objetivos?

Enfoque também as condições de trabalho nas agências bancárias que você conhece, comparando e contrapondo os tipos de bancos. (Como é o trabalho em um banco convencional? E em um Banco Comunitário? Por que tantos bancários adoecem? Que medidas são sugeridas pelos bancos convencionais para amenizar os problemas de saúde de bancários?)

2 - Divida a turma em grupos e peça que preparem uma pequena dramatização sobre processo de trabalho em bancos convencionais (a partir da experiência como clientes) e em Bancos Comunitários (a partir do que imaginam). Oriente que considerem, entre outros aspectos: divisão do trabalho; ritmo do trabalho; quantidade de trabalho; relação com clientes; pausas no trabalho; atividades físicas no trabalho; etc.

3 - Apresentação e discussão sobre as dramatizações. Explorar, na discussão, as dimensões relativas ao corpo e à mente dos trabalhadores em cada um dos tipos de banco.

Avaliação: Elaboração de um pequeno texto, em duplas, sintetizando os principais aspectos abordados na atividade. O foco da avaliação será o grau de entendimento dos estudantes sobre principais características dos tipos de bancos e a relação entre seus fins, a organização do trabalho e a saúde física e mental dos trabalhadores.

**DICAS**

- Para ficar a par das jogatinas do capitalismo financeiro e sua insustentabilidade, assista as duas partes do documentário **Money as a debt** - Dinheiro como dívida (2006 e 2009)



1. <http://migre.me/9rU3J>
2. <http://migre.me/9rTSU>

Componente curricular: Geografia

Conteúdo: Espaços e tempos de produção de conhecimentos

Objetivo: Perceber os significados técnico-político das *tecnologias sociais*

Tecnologia e tecnologia(s)

A Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra em meados do século XVIII, assegurou a consolidação de um sistema econômico-social fundado nos princípios do liberalismo. Visando o lucro como fim último e tendo como característica, entre outros, a propriedade individual dos meios de produção, o individualismo e a competição, o capitalismo tem gerado, desde então, um acentuado processo de concentração de renda, fundado na exploração do trabalho de milhares de seres humanos e de outros elementos da natureza (meio ambiente). A tecnologia não diz respeito apenas às máquinas e equipamentos, mas às relações sociais que os trabalhadores estabelecem na *organização do processo de trabalho*. Sob o paradigma da valorização do capital (e não dos seres humanos), muito têm avançado as tecnologias de produção e de gestão da força de trabalho. A partir da década de 1970, com o regime de acumulação flexível, a *organização do processo de trabalho* tem como base a automação flexível que garante, entre outros, produção variada e em pequena escala, de acordo com as demandas específicas do mercado consumidor; a realização do trabalho em equipe (e não individual, como no fordismo); número reduzido de trabalhadores fixos, já que um mesmo trabalhador pode operar várias máquinas ao mesmo tempo.



DICAS

- Leia o verbete **Organização do processo de trabalho**, disponível em PDF em nossa Sala de Leitura (Biblioteca Virtual)



O avanço tecnológico tem servido como bode expiatório para explicar as disparidades econômico-sociais existentes entre os países centrais (Norte) e os países periféricos do capitalismo (Sul). Como não existe neutralidade na produção do conhecimento científico e tecnológico, devemos nos perguntar: qual tecnologia para qual projeto societário queremos? Assim, além de localizar no globo terrestre o Norte e o Sul, é importante considerar como, historicamente, vão se constituindo os espaços geográficos. Em que medida a tecnologia contribui para o desenvolvimento social e, em especial para o *desenvolvimento local*, atendendo os interesses e expectativas das pessoas? A quem servem as tecnologias? Será que não existem “Nortes e Suls” dentro de um mesmo país?

É inerente ao capitalismo industrial a produção de uma série de mazelas sociais. Fome, miséria, desemprego e poluição são as principais. Como ferramenta para construção de uma sociedade alternativa ao capital, muito se tem falado em *tecnologias sociais*. Um bom exemplo de *tecnologia social* é o famoso “soro caseiro” (mistura de água, açúcar e sal), que combate a desidratação e reduz a mortalidade infantil. Simples, não é? Calçadas na experiência e na sabedoria popular, em experiências testadas e comprovadas em laboratórios, outras invenções de baixo custo e fácil aplicabilidade têm sido fundamentais para assegurar água, energia elétrica e outros problemas das áreas rurais e urbanas que carecem de infraestrutura básica. Pensando no *desenvolvimento local*, o movimento da Economia Solidária estimula a criação e implementação de *tecnologias sociais*, que possam melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores/s, seus familiares, vizinhos e comunidade. No entanto, vale ressaltar que *tecnologia social* não é dirigida aos “pobres”, mas é parte integrante de um projeto maior de transformação do conjunto da sociedade.

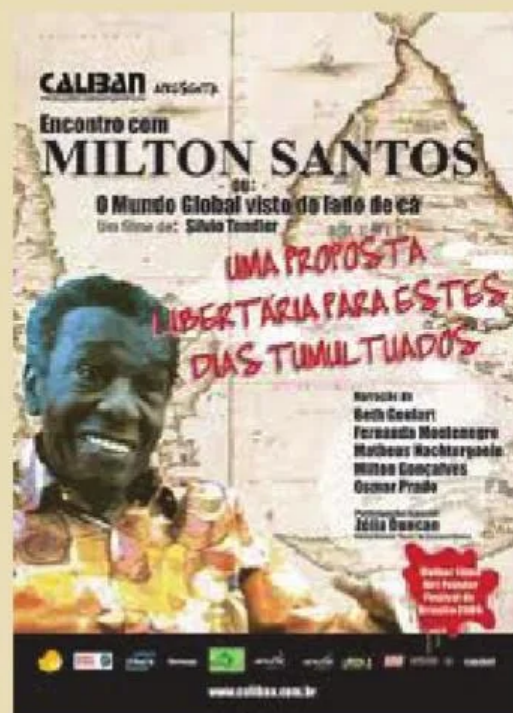


DICAS

- Procure em uma locadora o filme **Encontro com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá**, de Silvio Tendler (2006)



Tecnologia Social



Recursos didáticos: vídeo *Conversa sobre Tecnologia Social e Economia Solidária* <http://migre.me/9rUf4>

Passo a passo:

1 - Discuta com os estudantes o que eles entendem por tecnologia. O que é uma tecnologia de último tipo? Que tecnologias podem ser consideradas atrasadas? Quais os países mais desenvolvidos em termos de tecnologia?

2 - Divida a turma em grupos e sugira que descrevam as tecnologias as quais tiveram acesso ao longo de suas vidas. Como suas famílias resolviam problemas de água, energia elétrica e outras necessidades básicas? Era preciso inventar alguma coisa? Que jeitinhos brasileiros eram necessários?

3 - Apresentação dos grupos e debate.

4 - Passe o vídeo *Conversa sobre Tecnologia Social e Economia Solidária* e, em seguida discuta com a turma. No quadro-de-giz, sistematize as principais idéias sobre a temática, articulando com as discussões anteriores.

Avaliação: Solicitar que, individualmente, redijam um pequeno texto sobre os desafios das *tecnologias sociais* para amenizar/solucionar os problemas sociais como fome, miséria, poluição ambiental, etc.



DICAS

● Leia **O fetiche da tecnologia. A experiência das fábricas recuperadas**, de Henrique Novaes (São Paulo: Expressão Popular, 2007)



● Sobre a experiência da Universidade dos Pés Descalços, na Índia, veja a entrevista de Bunker Roy. <http://migre.me/9rUbf>

Componente curricular: História

Conteúdo: Revolução dos Cocos

Objetivo: Analisar os significados econômico-sociais da revolução dos habitantes da ilha de Bougainville. Identificar as tecnologias sociais criadas pela população bougainvilense para defender-se do bloqueio marítimo imposto à ilha.

Viva a eco-revolução!

Na Oceania, existe uma ilha que por muito tempo foi ignorada por muitas potências mundiais. Menina dos olhos da Papua-Nova Guiné (a quem pertence o território), da Austrália e da transnacional Rio Tinto Group, a Ilha de Bougainville possui uma riquíssima mina de cobre, que foi instalada sem sequer consultar a população local.

Com 500 metros de altura e 7 km de circunferência, a mina de Panguna que já foi a maior reserva de cobre a céu aberto do mundo, trouxe diversos malefícios para a ilha e seu povo. Desde a década de 60, no pós-guerra, a hiper-exploração do solo sem levar em conta as consequências sócio-ambientais trouxe graves danos para os moradores da ilha. Em certos lugares, os rios ficaram tão poluídos com os dejetos da mina que pescar e beber água se tornaram algo impossível.

Após 20 anos, depois várias reivindicações de fechamento da mina e pedidos de indenização por parte da Companhia, o povo de Bougainville resolveu sabotar e expulsar, por conta própria, a multinacional. Não tendo sido atendido pelos governos de Papua-Nova Guiné e da Austrália, o BRA (*Bougainville Revolutionary Army*) ganhou força da população e contra-atacou com atiradeiras e flechas, vencendo várias batalhas. O objetivo era a independência da ilha. Como resposta Papua-Nova Guiné impôs um bloqueio marítimo que durou oito anos, até as negociações de paz.



DICAS

- Você pode convidar os professores/as de Inglês e Ciências para ajudar a turma a saber mais sobre Bougainville. Para isso, sugerimos, também, a leitura de **Ecological Revolution on Bougainville** em <http://migre.me/9rUgK>

Neste período, o povo conseguiu sobreviver graças às inovações tecnológicas, desde o reaproveitamento de produtos deixados pela mineradora até o desenvolvimento de produtos a partir do coco, por exemplo, o óleo diesel 100% natural. Estes são uns dos exemplos das *tecnologias sociais* criadas.

A partir desta *eco-revolução*, o que o Ocidente pode aprender com os corajosos bougainvillenses, no que tange a sustentabilidade? Que desenvolvimento nós realmente queremos? Aquele feito a partir de *tecnologias convencionais*, poluidoras, que prejudicam nossas vidas, ou as *tecnologias sociais*, que desenvolvem as pessoas e suas comunidades sem prejudicar o futuro? É sobre essa questão que estimularemos os estudantes-trabalhadores a refletir..

Recursos didáticos:

Documentário *A revolução dos cocos (The Coconut Revolution)*



<http://migre.me/9rUp8>

Passo a passo:

1 - O/A professor/a faz uma breve explanação dos conflitos decorrentes do imperialismo na África e Ásia. Explica que sabemos pouco sobre as ex-colônias da Oceania.

2 - A seguir, convida a turma para assistir ao documentário *A revolução dos Cocos*.

3 - Solicita que, na próxima aula, tragam respostas as seguintes perguntas: “O que foi a Revolução dos Cocos? Por que aconteceu? Como os bougainvillenses sobreviveram a oito anos de bloqueio marítimo? O que podemos aprender com este povo,



DICAS

- Você e o professor/a de Geografia podem se interessar sobre a geopolítica da Oceania. Confira em: <http://migre.me/9rUi4>

no que se refere às tecnologias sociais e sustentabilidade?

4 - Debate com a turma sobre o filme, em especial sobre o que o povo da ilha fez para continuar lutando, mesmo com todas as adversidades.

5 - Solicite a listagem de todas as tecnologias usadas, em especial as referentes ao coco.

Avaliação: Envolvimento com os exercícios e o debate. Considerar, especialmente, o grau de compreensão dos estudantes sobre tecnologias convencionais e tecnologias sociais.



DICAS

- Um ponto interessante a levantar no debate com os estudantes, é a diferença entre o projeto de desenvolvimento capitalista e o projeto de desenvolvimento local proposto pelo movimento da Economia Solidária.



Componente curricular: Matemática

Conteúdo: Juros

Objetivo: Desenvolver a noção de juros. Identificar as características e objetivos de um Banco Comunitário e as suas práticas de Finanças Solidárias.

Juros solidários?

Os Bancos Comunitários se diferenciam das instituições financeiras tradicionais por não visarem lucro nas operações, embora tenham estrutura e algumas práticas semelhantes, precisando inclusive de registro no Banco Central para funcionar. O principal objetivo, no entanto, é o desenvolvimento local. Fortalecem o comércio e a comunidade onde se localizam, por meio de empréstimos com juros baixos, quando se trata de dinheiro real, ou até a juro zero, quando a operação for feita nas moedas sociais, que só têm valor no próprio bairro. Os Bancos Comunitários fazem parte do que se tem chamado de Finanças Solidárias.

No Banco Preventório (Preventório, Niterói/RJ), inaugurado em 2011, o Prevê é a moeda própria que circula. Em Saracuruna, a Saracura é o nome, escolhido pelos moradores, para a moeda local. Na Cidade de Deus, os pagamentos poderão ser feitos com a moeda social denominada CDD; cada CDD vale um real. Nos dois primeiros casos, a implantação do projeto do Banco Comunitário contou com técnicos da Universidade Federal Fluminense (UFF) e dinheiro aportado pela concessionária de energia Ampla, em um total de R\$ 1 milhão. Veja abaixo o depoimento da socióloga Bárbara França, coordenadora do Projeto da UFF desenvolvido Incubadora de Empreendimentos em Economia Solidária - IEES:



DICAS

- Para saber mais sobre o projeto da UFF, indicado na introdução dessa atividade, veja <http://migre.me/9rUvr>



Nós adaptamos a experiência do Banco Palmas, que começou há 13 anos em Fortaleza. Os bancos comunitários são inovadores porque vão gerar trabalho e renda com o desenvolvimento local, sob o protagonismo dos próprios moradores. São eles que organizam a associação que vai gerir o banco, que produzirá empréstimos para serem consumidos exclusivamente nas comunidades”.

(Adaptação da matéria <http://migre.me/9rUvr>)

Recursos didáticos: Sítios de Bancos Comunitários, tais como: <http://migre.me/9rUy0>; <http://migre.me/9rUAX>

Passo a passo:

1 - Com os trabalhadores-estudantes, visitar sítios de Bancos Comunitários no laboratório de informática.

2 - Discutir as práticas dos Bancos Comunitários e dos bancos convencionais que conhecemos, especialmente como acontece a prática de cálculos e cobranças de juros. Em que situações somos obrigados a pagar juros? Como são definidos os valores dos juros?

3 - Abordar e discutir com os alunos a importância dos Bancos Comunitários, comparando com os bancos convencionais. Dar destaque ao lugar dos bancos para o desenvolvimento local. Em que medida o Banco Comunitário se diferencia dos convencionais no uso do dinheiro na comunidade local?

4 - Realizar os exercícios seguintes observando não apenas os valores monetários, mas, sobretudo as práticas solidárias. Problematizar com os estudantes sobre como se definem os cálculos dos juros.

João precisava de um empréstimo de R\$ 2.000,00 para pagar suas contas atrasadas. Foi, então, a uma grande financeira, pleno de certeza de que já volta-



DICAS

- Que tal promover uma visita coletiva ao Banco Comunitário Preventório ou a qualquer outro Banco Comunitário?
- Você pode criar com os trabalhadores-estudantes um jogo chamado Banco Comunitário que deverá ser constituído com base nos valores e conteúdos desenvolvidos sobre tais bancos. O objetivo do jogo não é “enriquecer”, mas contribuir para o desenvolvimento local.

ria à casa com o dinheiro. No entanto, quando lá chegou ficou indignado com os juros de 5% que pagaria sobre o valor total do empréstimo. Triste, voltou para casa e, no caminho, encontrou um velho amigo a quem ele contou suas angústias. Seu amigo, então, disse que havia um Banco Comunitário no próprio lugar em que moravam. Lá, segundo seu amigo, as pessoas podiam pegar dinheiro emprestado com juros bem menores. Supondo que João tenha ido a esse banco e negociado o empréstimo com juros de 1,5% pelo valor solicitado, quanto ele economizou ao não ter aceitado a proposta da financeira?

2. Após conseguir o empréstimo, João finalmente resolveu seus problemas financeiros. No entanto, dono de uma pequena lanchonete, desejava um empréstimo para aumentar seus negócios. Primeiramente pensou em aumentar o tamanho do estabelecimento. Para isso comprar o terreno ao lado. Então, João fez a medição do espaço que compraria para aumentar a sua lanchonete, que, até aquele momento, possuía 20m². Sabendo que cada metro quadrado custa, naquela localidade, R\$ 320 e que o terreno de seu vizinho tem 25m², qual o valor total que João terá de pagar ao banco comunitário, que tem juros de 1,5%

Avaliação: Propor a organização, na escola, de uma feira de conhecimento sobre Bancos Comunitários. A qualidade das informações e diálogos a serem estabelecidos entre estudantes e professores será o principal critério de avaliação.



DICAS

- Você também pode estimular que, em sala de aula, os estudantes criem moedas sociais fictícias e simulem operações bancárias.



Componente curricular: Orientação Profissional

Conteúdo: Comércio justo e solidário; Consumo ético e solidário

Objetivos da Atividade: Suscitar o pensamento crítico sobre as relações entre trabalho e tipo de consumo de trabalhadores e apontar alternativas.

Dizendo não á lógica do capital: uma balança, uma medida?!

Trabalhar, consumir ou desejar consumir, comprar, vender... O nosso dia a dia é repleto dessas ações. O trabalho nos ocupa muito tempo e, quando recebemos o pagamento, fazemos cálculos e mais cálculos para dar conta do orçamento. Muitas vezes o almejado, em termos de consumo, está muito longe do que, na realidade, podemos adquirir. Por vezes, uma vizinha bate à nossa porta para vender produtos de grandes empresas de cosméticos. Gostaríamos de comprar um novo creme para as mãos, bem cheiroso... Mas não temos dinheiro. Aí refletimos: na verdade, se ainda temos um creme em casa, talvez não precisássemos comprar mais um. Vamos ao supermercado ou ao armazém do bairro e lá encontramos produtos – arroz por exemplo – embalados de várias ‘marcas’ e não sabemos da sua qualidade e, que dirá, quem e como produziu. Comparamos preços. Mas não temos a menor ideia se o valor cobrado é justo ou não. E o que é justo? Nosso critério, usualmente, é o que cabe no orçamento e, de vez em quando, uns pequenos ‘caprichos’.

É ou não é desgastante ver e ouvir todo dia na TV propagandas variadas de coisas que você jamais vai consumir e que são anunciadas como as melhores do mundo? É ou não é frustrante dizer não para sua filha



DICAS

- Proponha que os trabalhadores-estudantes registrem, durante uma semana, tudo o que consomem, o preço dos produtos e o peso dos itens no orçamento doméstico. Analise os dados à luz dos princípios do consumo capitalista e do consumo ético e solidário.

e/ou seu filho quando eles desejam comprar um tênis que está a quilômetros da sua condição financeira? Afinal, eles passaram de ano no colégio... É ou não é estressante ficar na dúvida entre o que é essencial e o que é supérfluo, na hora de fazer as compras no supermercado?

Isto tudo parece natural e pensamos “É assim que as coisas são... o que fazer?” Mas nada disso é natural. Essa é uma forma de consumo e de comércio, mas não a única. Muitos de nós nasceu aprendendo que as coisas são assim. É difícil acreditar que pode ser diferente.

Que tramas de relações de poder sustentam essa engrenagem toda? Por outro lado, como seria uma sociedade na qual o comércio fosse justo e solidário e o consumo ético e solidário? Que mudanças seriam necessárias nos modos de trabalhar, de produzir a riqueza na sociedade, nos hábitos de consumo e nas relações entre produção e comercialização?

Há movimentos de pessoas e grupos em torno mundo que, inclusive, muita gente do Brasil faz parte; gente de nossa cidade inclusive, que luta para mudar esta lógica perversa que nos sufoca! Lógica esta constitutiva dos modos de produzir a existência no capitalismo. Este, no entanto é histórico e, portanto, podemos dizer que nem sempre foi assim...

Recursos Didáticos:

Cadernos da Série Trocando Idéias: Caderno 1 - Comércio Justo e Solidário da IMS e Caderno 3 :Consumo e Economia Solidária da IMS. www.ims.org.br (Publicações)



DICAS

- Convide trabalhadores/as de cooperativas de reciclagem para conversar sobre o trabalho na reciclagem, o que é encontrado no lixo que vai para a reciclagem, entre outros aspectos.



Passo a passo:

1 - Converse com os trabalhadores-estudantes sobre o que consomem e os serviços que utilizam, cotidianamente, para viver. Instigue-os a pensar sobre a qualidade, o custo dos produtos e serviços e as relações comerciais implicadas, entre outros aspectos.

2 - Distribua o grupo de trabalhadores-estudantes e proponha que leiam os Cadernos 1 e 2 buscando responder as seguintes perguntas (podem responder uma ou mais perguntas. Estas poderão ser escritas em papéis e distribuídas aleatoriamente entre os grupos.):

2.1 - Sugestões de perguntas sobre consumo ético e solidário

O que é consumo? O que é consumo alienado? O que é consumo solidário? O que são os 4 Rs e qual a sua importância?

2.2 - Sugestões de perguntas sobre comércio justo e solidário:

O que é comércio? O que é comércio injusto e não solidário? Quais são os objetivos do comércio justo e solidário? Quais são os princípios do comércio justo e solidário? O que quer dizer preço justo? O que é e quais são os atores do comércio justo e solidário? Quais os desafios para produtores e consumidores que pretendem atuar na perspectiva do comércio justo e solidário?

3 - Faça uma roda de conversa em grande grupo para que socializem as respostas dadas. Estimule-os a fazer comparações entre o que leram e o que responderam no 1º passo da atividade.

4 - Convide os estudantes a fazer o exercício de projetar uma rede de comercialização na qual apliquem os princípios estudados. A atividade será

**DICAS**

- Veja com os estudantes o filme **Lixo Extraordinário**, de Lucy Walker (2010). O trailer está em



<http://migre.me/9rUD1>

- Veja também filme **Ilha das Flores**, de José Furtado (2008) para uma reflexão ampla sobre os temas do consumo ético, solidário e responsável.



<http://migre.me/9rUJm>

realizada em dois grupos. Os estudantes poderão utilizar cartazes para registrar e apresentar a rede de comercialização.

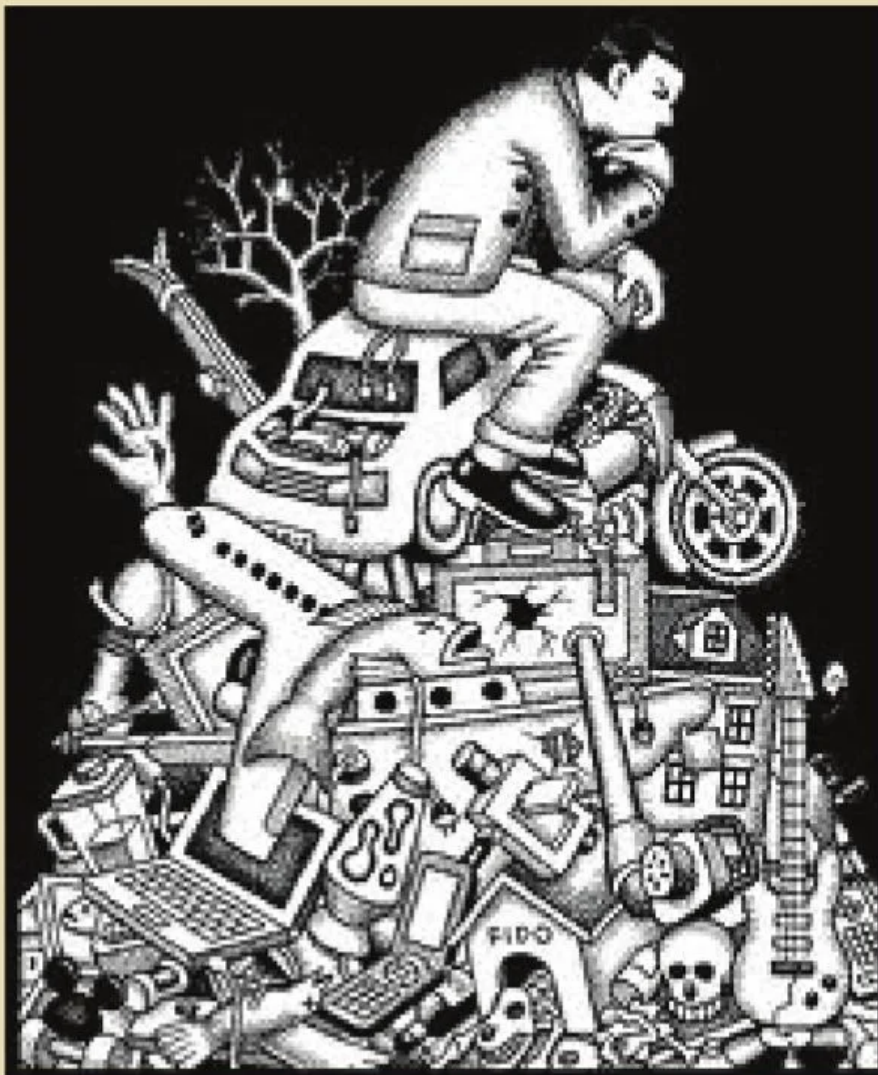
5 - Reflita com os trabalhadores-estudantes sobre o exercício realizado, incorporando no diálogo os aspectos trabalhados ao longo da atividade.

Avaliação: Reflexão individual a partir das seguintes perguntas: O que você sabia? O que você não sabia? O que você aprendeu? Qual a importância de se estudar sobre formas alternativas de consumo e comércio solidário? O que mais você gostaria aprender sobre os temas? A reflexão será apresentada por escrito, com avaliação pelo docente e retorno aos estudantes.



DICAS

- Os 4 **Cadernos da Série Trocando Ideias:** Caderno 1- Comércio Justo e Solidário; Caderno 2 - Estratégias para comercialização Solidária: pontos fixos e marcas e o Caderno 3: Consumo e Economia Solidária estão disponíveis no site: www.ims.org.br



www.amusoire.net/?2008/11/28/613-journee...

Componente curricular: Língua Portuguesa e Literatura

Conteúdo: Leitura, interpretação, escrita e oralidade.

Objetivos da Atividade: Refletir sobre consumo solidário e sobre comércio justo, ético e solidário.

Estimular a criatividade no uso da língua materna, em especial no gênero textual poesia.

Com que açúcar adoço o meu café? Vamos comprar açúcar da Usina de Catende!

É próprio da poesia a liberdade para a exploração dos sentidos conotativos dos signos linguísticos. É próprio da Economia Solidária combater a exploração do trabalho, orientando a criação de iniciativas de produção associada bem como o consumo e comércio justo, ético e solidário. Praticá-los viabiliza o surgimento e a continuidade de novos empreendimentos comprometidos com o desenvolvimento local e a sustentabilidade e, conseqüentemente, a potencialização da economia local e da diminuição da desigualdade social.

O açúcar que adoça o café, por exemplo, pode ser produzido por homens e mulheres associados livremente e, também, comercializados na perspectiva do comércio justo e solidário. A Usina de Catende, em Pernambuco, por exemplo, é uma demonstração prática de que isso pode acontecer. Consumir produtos que são produzidos em empreendimentos econômicos solidários é fundamental para consolidar uma outra forma de fazer economia e viver a vida.

Recursos didáticos: Texto *O açúcar*, de Ferreira Gullar



DICAS

- Assista ao vídeo **Consumo Solidário: Cadeias Produtivas na Economia Solidária**



<http://migre.me/9rV5S>

Passo a passo:

1 - Combinar com os alunos para que tragam para a sala de aula várias embalagens de alimentos e objetos de consumo. O professor traz reportagens de denúncias de indústrias que se utilizam, por exemplo, de trabalho infantil e/ou trabalho escravo na produção das mercadorias. Distribui o material entre os estudantes e estabelece um debate sobre o que e como consumimos, indicando a necessidade de conhecer as condições de trabalho de homens e mulheres que produzem o que consumimos.

2 - Leitura silenciosa e individual do texto O açúcar, de Ferreira Gullar

3 - Leitura oral e coletiva.

4 - Dividir a turma em cinco grupos, para cada qual designar uma estrofe do poema e solicitar que o reescrevam, trocando os adjetivos, substantivos e verbos por outros que expressem alguma relação com os que estão originalmente na poesia.

5 - Cada grupo elege um representante para a leitura do novo texto, seguindo a ordem das estrofes do poema.

Avaliação: Os alunos deverão, em grupos, criar e organizar uma exposição de reportagens, matérias de jornais, etc. de denúncia de práticas de consumo e de comércio orientados por práticas competitivas, injustas e antiéticas de comercialização de produtos e, por outro lado, de anúncio de práticas de consumo solidário e de comércio justo. A exposição deve ficar visível para toda a comunidade escolar. O professor avalia a adequação da tarefa realizada em termos da natureza das matérias escolhidas e da qualidade estética da exposição e, ainda, a capacidade coletiva dos grupos trabalharem e apresentarem para a comunidade escolar a importância do consumo solidário e sobre comércio justo, ético e solidário.

O Açúcar - Ferreira Gullar



DICAS

- Leia a matéria “Usina Catende é desapropriada para beneficiar 5,2 mil famílias em Pernambuco” no sítio do fórum nacional da economia solidária para conhecer um pouco da história de Catende.
<http://migre.me/9rV3I>



O branco açúcar que adoçará meu café
 Nesta manhã de Ipanema
 Não foi produzido por mim
 Nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
 E afável ao paladar
 Como beijo de moça, água
 Na pele, flor
 Que se dissolve na boca. Mas este açúcar
 Não foi feito por mim.

Este açúcar veio
 Da mercearia da esquina e
 Tampouco o fez o Oliveira,
 Dono da mercearia.
 Este açúcar veio
 De uma usina de açúcar em Pernambuco
 Ou no Estado do Rio
 E tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
 E veio dos canaviais extensos
 Que não nascem por acaso
 No regaço do vale.

Em lugares distantes,
 Onde não há hospital,
 Nem escola, homens que não sabem ler e morrem
 de fome
 Aos 27 anos
 Plantaram e colheram a cana
 Que viraria açúcar.
 Em usinas escuras, homens de vida amarga
 E dura
 Produziram este açúcar
 Branco e puro
 Com que adoço meu café esta manhã
 Em Ipanema.



DICAS

● Leia o livro **Usina Catende: para além dos vapores do diabo** de José Francisco Melo Neto e Lenivaldo Marques da Silva Lima. Livro publicado pela Editora Universitária da UFPB, 2010.

● Leia o artigo intitulado **Projeto: caju – comércio alternativo justo e solidário s.a ou fairtrade minas**. O mesmo que pode ser encontrado em <http://bit.ly/LTsXmj>



www.allposters.com/-.../Lunch-Atop-a-Skyscrap

Palavras de trabalhadores-estudantes...

Palavras de trabalhadores -estudantes...

A vida como ela é... a vida como poderia ser

Na infância, meus sonhos foram frustrados. Não consegui terminar os estudos, precisei trabalhar muito cedo, e com isso fiquei para trás. Eu gosto de fazer amigos, sou sempre divertida e quase nunca reclamo das dificuldades de hoje, pois já foi bem pior (...)Estou amando minha vida de estudante, as vezes fico um pouco confusa, mas procuro superar minhas dificuldades. Eu gosto de desafios, e concluir o ensino fundamental é o que mais quero. Quando tomei a decisão de voltar ao colégio, meu esposo e filhos me deram a maior força. A vida ainda tem muito a me oferecer, não quero perder mais tempo.

A vida hoje ela se transformou em uma correria diária. Onde todos levantam cedo, correm para o trabalho, no fim do dia, terminando suas tarefas, de volta para casa onde tudo continua, não para. A vida é trabalho e trabalho é vida, precisa-se trabalhar. Mas também precisa viver. A vida poderia ser com menos trabalho, mais paz, mais alegria, harmonia entre as pessoas, compreensão, respeito, dignidade, amor, tudo isso falta em nossas vidas para que não haja tanta violência e morte entre os jovens, assim a vida seria bem mais feliz. Mas vida assim está muito distante de nós, é um sonho.

A vida nada mais é do que casa pro trabalho e trabalho pra casa na vida de um cidadão brasileiro de classe baixa que dá a maior parte do seu tempo para ter uma vida melhor. A vida poderia ser muito melhor, principalmente com relação ao capitalismo e o socialismo; mas, infelizmente isso não se trata só da vida, mas também do mundo e das pessoas, principalmente das pessoas que governam o mundo. Muitos de classe alta trabalham 4 horas por dia e ganham quase o triplo dos que trabalham mais de 8 horas por dia de classe baixa. Então: todos deveriam opinar por um mundo socialista.

A vida poderia ser bem melhor, o bairro onde moro poderia estar em melhor estado, melhores condições de se viver. Por exemplo, o bairro poderia ter saneamento básico, asfalto, ter coleta de lixo porque os lixeiros só aparecem quando querem. Os hospitais públicos deveriam ter um atendimento melhor, ter funcionários mais competentes na área de saúde para atender melhor seus pacientes.

É um absurdo uma pessoa doente ter que esperar mais de uma hora na fila para conseguir atendimento médico e isso quando consegue, pois muitas vezes pacientes ficam horas na fila e não conseguem atendimento...

Uma vida muito sofrida porque moro em um lugar que não tem saneamento básico, não tem ônibus, só tem lama e mato. A prefeita de São Gonçalo ainda me faz praça que não termina, acha que Guaxindiba é lixo, é largado, um lugar aonde só mora cachorro...A vida como poderia ser ? A vida poderia ser muito melhor em Guaxindiba. As ruas asfaltadas, pelo menos a principal, onde o ônibus passa. Uma escola boa, mais conforto nela porque a nossa está caindo. Abrir uma creche para as mães que trabalham e não tem com quem deixar os seus filhos. Um posto de saúde, ter coleta de lixo. Não tem coleta nas ruas e mais profissionais da saúde. Ter mais vagas em hospitais públicos porque hoje eles escolhem quem é que vai viver, por não ter vaga.

A vida deveria ser que todos tivessem moradia e ninguém morasse em barracos de madeira ou de papelão sem luz, muitas vezes sem água. A vida deveria ser bem diferente sim, temos muita desigualdade. A começar pela educação, temos escolas, mas os professores ganham uma miséria. Na saúde, então, temos que marcar uma consulta e esperar por meses; fatores como a fome, a moradia, o desemprego são vistos no cotidiano.,A vida pode sim ter melhorias. Se os governantes distribuíssem as rendas, se nossos jovens concluíssem os estudos, se a saúde chegasse a todos, o mundo poderia ter melhorias, as pessoas se amando, se respeitando, deixando a ganância de lado, dando a mão ao próximo.

A vida nada mais é do que casa pro trabalho e trabalho pra casa na vida de um cidadão brasileiro de classe baixa que dá a maior parte do seu tempo para ter uma vida melhor. A vida poderia ser muito melhor, principalmente com relação ao capitalismo e o socialismo; mas, infelizmente isso não se trata só da vida, mas também do mundo e das pessoas, principalmente das pessoas que governam o mundo. Muitos de classe alta trabalham 4 horas por dia e ganham quase o triplo dos que trabalham mais de 8 horas por dia de classe baixa. Então: todos deveriam opinar por um mundo socialista.

Sim é possível um mundo melhor, sem violência, mas tranquilo, sem desigualdade social, um mundo em que as pessoas se respeitam e se amam. Onde a justiça prevalece, onde as pessoas doentes vão ter direito de viver, de se cuidar, se tratar em um hospital decente, alunos em uma escola melhor com salário digno, viver com segurança onde mora; um salário e meio para quem não tem renda. Eu espero um mundo assim ou melhor.

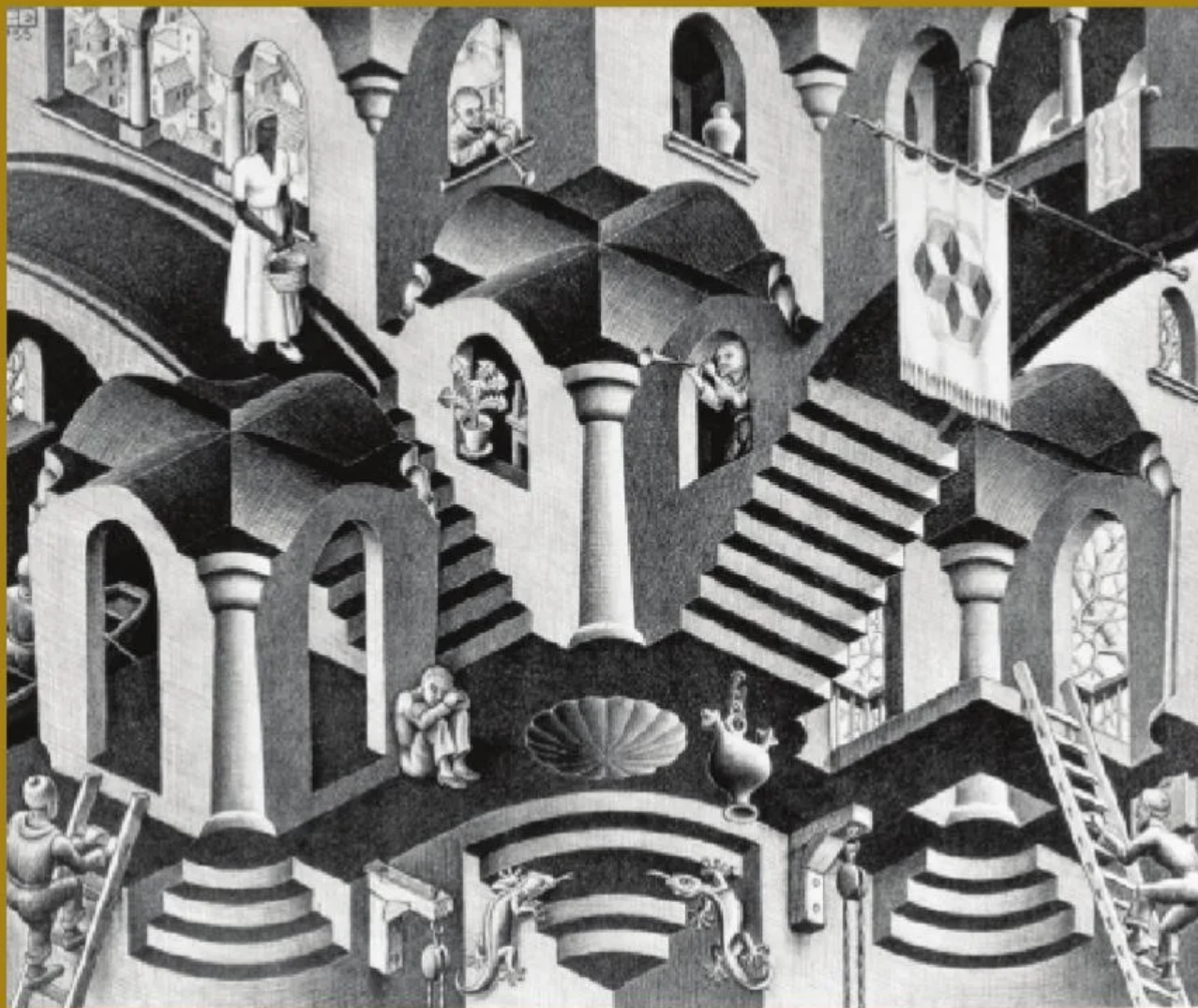
*Será possível ter um mundo diferente?
Quando toda essa gente
Pensar consciente
A respeito do meio ambiente*

*Será possível ter um mundo diferente?
Quando não pensarmos só na gente,
E fizermos o possível,
Para sermos diferentes.*

*Será possível ter um mundo diferente?
Se unirmos toda essa gente,
Em busca de um mundo diferente,
Pra ser melhor não só no presente.*

*Será possível ter um mundo diferente?
Onde não exista fome, guerra ou enchente.
Onde a vida, e o amor,
Sejam parceiros freqüentes!!!*

Outro mundo seria possível se a gente começasse a mudar, acabando com a violência, as tragédias, as mortes. Também poderíamos mudar o mundo combatendo o aquecimento global, a poluição do ar, das águas, ajudando a reciclar plásticos, lixo orgânico, jogar lixo no lugar certo, reaproveitando algumas coisas, etc. Outro mundo seria possível se a gente unisse as pessoas, saber que todo mundo é igual e cada um ajuda um ao outro.



Maurits Cornelis Escher

O Mundo dentro e fora da escola

Moeda social do Preventório será lançada nesta semana

No lugar de tartarugas, garças e araras, quem compra e vende no Preventório começará a se deparar também com o conjunto de casas da comunidade e a Praia de Charitas estampadas em notas. Não se trata de falsificação ou brincadeira: nesta semana, começa a circular o Prevê, moeda social do banco comunitário local, que será inaugurado na próxima terça-feira, às 10h, na Rua Quatorze de Abril.

A implantação de uma moeda social - que já foi adotada em ao menos 50 localidades do país - é fruto de uma parceria entre a Ampla e a Universidade Federal Fluminense (UFF). Um projeto similar está sendo implantado ao mesmo tempo em Saracuruna, Duque de Caxias. A gestão do projeto será feita pela associação comunitária Preventório Solidário, formada por moradores. Os oito funcionários que se dividirão em dois turnos, das 8h às 18h, também vivem no Preventório.

- A ideia é que o banco gere o crescimento e o desenvolvimento da comunidade. A moeda aumentará o consumo interno - explica Marcos Rodrigo Ferreira, membro da diretoria da associação.

De acordo com Ferreira, grande parte dos comerciantes locais já estará aceitando o Prevê desde o primeiro dia de circulação da moeda. Segundo estimativa da associação, o banco atenderá a aproximadamente 12 mil pessoas.

A instituição financeira oferecerá também linhas de crédito. Haverá dois tipos de empréstimos: para consumo, no valor máximo de 50 prevês; e de produção, para empreendedores, com limite de R\$ 800.

- O dinheiro começará a circular de duas maneiras. A primeira é através dos empréstimo em moeda social, que poderão ser feitos já a partir de terça. Quem estiver interessado também pode trocar reais por prevês, para gastar na comunidade - diz Ferreira, acrescentando que, a princípio, foram impressos 37.500 mil prevês.

Confira a matéria completa no GLOBO - Niterói de domingo. Disponível para assinantes em O Globo Digital.

Mulheres que acontecem

Localizado no município de São Gonçalo, o grupo realiza atividade de costura e foi formado com o início do PSINC (projeto social idade não conta) que reuniu duas turmas de alfabetização do Programa Brasil Alfabetizado, com oficinas de crochê, fuxico e dobradura, aulas de música e dança de salão entre outras atividades.

A proposta de criação partiu da Ana Maria (Neneca) que no momento era professora do Programa Brasil Alfabetizado, e que pela urgência de movimentos sociais na região ela e suas 02 filhas iniciaram o grupo com mais 03 pessoas. A cooperativa chegou a ter 54 membros e hoje possui apenas 8.

A escolaridade do grupo é o 2º grau, com profissões como auxiliar de contabilidade, secretária, doceira, do lar, operadora de caixa, professora de 1ª a 4ª série, com faixa etária variando entre 59 e 23 anos.

A idealizadora e fundadora Neneca foi filiada ao PML, depois ao PDT, participava dos movimentos brizolistas. As demais nunca participaram de nenhum movimento social.

A cooperativa teve apoio da ONG CAMPO Centro de Assessoria ao Movimento Popular que doou as máquinas de costura e dois computadores como são instrumentos de trabalho da cooperativa.

“A escola local não participa ajudando os grupos de produção,mas deveriam incentivar os grupos cooperados a fazerem visitas e oferecerem cursos aos alunos (e não o contrário), porque o estudo é importante, constrói conhecimentos que abrem muitos caminhos, oportunidades de aprender muitas coisas, através do contato com bibliotecas, museus, exposições e passeios que possibilitem a integração entre as pessoas. É também importante porque mostra a capacidade da pessoa e não a deixa se sentir inútil. O português e a matemática são fundamentais para o bom andamento do negócio, o primeiro para poder recepcionar pessoas, ler etiquetas de produtos, reconhecer a diferença entre materiais e o segundo para facilitar os cálculos de custos e despesas, etc.”

A atividade é conhecida pelos vizinhos, igreja, escola de samba, pois ofereceu cursos abertos a comunidade. Os professores eram voluntários, recebiam ajuda apenas com o valor da passagem de ônibus, angariado pela venda de materiais recicláveis.

A cooperativa foi legalizada como microempresa devido a dificuldade de conseguir 20 membros, e assim por possuir 8 membros e não requerer estatuto, legalizou-se pela vontade de formalizar o trabalho.

Atualmente as cooperadas não estão obtendo renda, o que recebem é utilizado para adquirir matéria prima para o trabalho. A intenção é recomeçar em março, pois estão de férias, e se preocupar mais com a administração fazendo com que a retirada seja igual para todas.

Não tem diretores, mas uma eleição está prevista para este ano. As decisões são feitas em reuniões, mas sem formalidades e nem data agendada, apenas quando se fazem necessárias. Todas tem o direito de falar e de votar. Cada membro possui apenas um voto, sem a possibilidade de representações e é permitida a entrada de novos cooperados, sendo o período de experiência de dois meses para estes novos membros.

Muitas mulheres se aproximam através dos cursos que o grupo oferece e geralmente não permanecem por não querer assumir compromisso. A maior dificuldade é encontrar costureiras interessadas em trabalhar na cooperativa. As que se formam no curso oferecido vão para o mercado formal de trabalho ou ficam em casa pela pressão de seus maridos, e o que está sendo pensado para solucionar este problema é a criação do PIM Partido Integração Mulher. Quando o Partido existir, dizem, não faltará costureira!, dizem elas.

Os resultados positivos encontrados pelas cooperadas dizem respeito à autoestima da mulher, melhora no convívio familiar e outros aspectos subjetivos, e o grupo tem como proposta integrar mulheres, atingir mercados, fazer feiras e fóruns, e principalmente aumentar o número de mulheres associadas.

Apesar de não possuírem qualquer tipo de divulgação, pretendem a criação de um site em breve espaço de tempo e a criação de um fundo de reserva.

Vinte e seis municípios piauienses reunidos por um Comércio Justo e Solidário

Ontem (31/08), mais de 60 pessoas de 26 diferentes municípios estiveram presentes no Seminário do Sistema Nacional de Comércio Justo e Solidário do Piauí. O evento aconteceu no Auditório Obra Kolping, na capital Teresina, e contou com a participação de empreendimentos econômicos solidários rurais e urbanos, entidades de apoio e fomento, fóruns de economia solidária, representantes do governo estadual, de prefeituras, ministérios, projetos do governo federal (Centro de Formação em Economia Solidária – CFES Nordeste, Sistema de Informação em Economia Solidária – SIES, Brasil Local), bases de serviços, entre outros.

Promovido pelo Projeto Nacional de Comercialização Solidária, o seminário foi resultado de uma parceria entre o Instituto Marista de Solidariedade (IMS) e a Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes), com apoio do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES) e Faces do Brasil. A parceria local partiu do Fórum Estadual de Economia Solidária do Piauí (FEESPI), com apoio do Ministério do Trabalho e Emprego – Superintendência Regional do Piauí, Ministério do Desenvolvimento Agrário, Obra Kolping do Piauí, Secretaria Estadual do Trabalho e Empreendedorismo e Fundação Integrar.

Na programação, os analistas sociais do IMS apresentaram o curta-metragem Cidade Solidária, série composta por três vídeos com os temas Pontos Fixos, Consumo Solidário e o Sistema Nacional do Comércio Justo e Solidário. Além disso, fizeram uma apresentação sobre o conceito, os princípios e a situação atual do Sistema.

Os participantes foram divididos em dois grupos. Representantes de sete empreendimentos piauienses optaram por fazer o retrato da comercialização de seus produtos e serviços, debatendo e refletindo sobre os desafios, os acertos e o que pode ser melhorado a partir do diagnóstico.

Zizek: o casamento entre democracia e capitalismo acabou

O filósofo e escritor esloveno Slavoj Zizek visitou a acampamento do movimento Ocupar Wall Street, no parque Zuccotti, em Nova York e falou aos manifestantes. “Estamos testemunhando como o sistema está se autodestraindo. “Quando criticarem o capitalismo, não se deixem chantagear pelos que vos acusam de ser contra a democracia. O casamento entre a democracia e o capitalismo acabou”. Leia a íntegra do pronunciamento de Zizek.

Slavoj Zizek

Durante o crash financeiro de 2008, foi destruída mais propriedade privada, ganha com dificuldades, do que se todos nós aqui estivéssemos a destruí-la dia e noite durante semanas. Dizem que somos sonhadores, mas os verdadeiros sonhadores são aqueles que pensam que as coisas podem continuar indefinidamente da mesma forma.

Não somos sonhadores. Somos o despertar de um sonho que está se transformando num pesadelo. Não estamos destruindo coisa alguma. Estamos apenas testemunhando como o sistema está se autodestraindo.

Todos conhecemos a cena clássica do desenho animado: o coiote chega à beira do precipício, e continua a andar, ignorando o fato de que não há nada por baixo dele. Somente quando olha para baixo e toma consciência de que não há nada, cai. É isto que estamos fazendo aqui.

Estamos a dizer aos rapazes de Wall Street: “hey, olhem para baixo!”

Em abril de 2011, o governo chinês proibiu, na TV, nos filmes e em romances, todas as histórias que falassem em realidade alternativa ou viagens no tempo. É um bom sinal para a China. Significa que as pessoas ainda sonham com alternativas, e por isso é preciso proibir este sonho. Aqui, não pensamos em proibições. Porque o sistema dominante tem oprimido até a nossa capacidade de sonhar.

Vejam os filmes a que assistimos o tempo todo. É fácil imaginar o fim do

mundo, um asteróide destruir toda a vida e assim por diante. Mas não se pode imaginar o fim do capitalismo. O que estamos, então, a fazer aqui?

Deixem-me contar uma piada maravilhosa dos velhos tempos comunistas. Um fulano da Alemanha Oriental foi mandado para trabalhar na Sibéria. Ele sabia que o seu correio seria lido pelos censores, por isso disse aos amigos: “Vamos estabelecer um código. Se receberem uma carta minha escrita em tinta azul, será verdade o que estiver escrito; se estiver escrita em tinta vermelha, será falso”. Passado um mês, os amigos recebem uma primeira carta toda escrita em tinta azul. Dizia: “Tudo é maravilhoso aqui, as lojas estão cheias de boa comida, os cinemas exibem bons filmes do ocidente, os apartamentos são grandes e luxuosos, a única coisa que não se consegue comprar é tinta vermelha.”

É assim que vivemos – temos todas as liberdades que queremos, mas faltamos a tinta vermelha, a linguagem para articular a nossa ausência de liberdade. A forma como nos ensinam a falar sobre a guerra, a liberdade, o terrorismo e assim por diante, falsifica a liberdade. E é isso que estamos a fazer aqui: dando tinta vermelha a todos nós.

Existe um perigo. Não nos apaixonemos por nós mesmos. É bom estar aqui, mas lembrem-se, os carnavais são baratos. O que importa é o dia seguinte, quando voltamos à vida normal. Haverá então novas oportunidades? Não quero que se lembrem destes dias assim: “Meu deus, como éramos jovens e foi lindo”.

Lembrem-se que a nossa mensagem principal é: temos de pensar em alternativas. A regra quebrou-se. Não vivemos no melhor mundo possível, mas há um longo caminho pela frente – estamos confrontados com questões realmente difíceis. Sabemos o que não queremos. Mas o que queremos? Que organização social pode substituir o capitalismo? Que tipo de novos líderes queremos?

Lembrem-se, o problema não é a corrupção ou a ganância, o problema é o sistema. Tenham cuidado, não só com os inimigos, mas também com os falsos amigos que já estão trabalhando para diluir este processo, do mesmo modo que quando se toma café sem cafeína, cerveja sem álcool, sorvete sem gordura.

Vão tentar transformar isso num protesto moral sem coração, um processo descafeinado. Mas o motivo de estarmos aqui é que já estamos fartos de um mundo onde se reciclam latas de coca-cola ou se toma um cappuccino italiano no Starbucks, para depois dar 1% às crianças que passam fome e fazer-nos sentir bem com isso. Depois de fazer outsourcing ao trabalho e à tortura, depois de

as agências matrimoniais fazerem outsourcing da nossa vida amorosa, permitimos que até o nosso envolvimento político seja alvo de outsourcing. Queremos ele de volta.

Não somos comunistas, se o comunismo significa o sistema que entrou em colapso em 1990. Lembrem-se que hoje os comunistas são os capitalistas mais eficientes e implacáveis. Na China de hoje, temos um capitalismo que é ainda mais dinâmico do que o vosso capitalismo americano. Mas ele não precisa de democracia. O que significa que, quando criticarem o capitalismo, não se deixem chantagear pelos que vos acusam de ser contra a democracia. O casamento entre a democracia e o capitalismo acabou.

A mudança é possível. O que é que consideramos possível hoje? Basta seguir os meios de comunicação. Por um lado, na tecnologia e na sexualidade tudo parece ser possível. É possível viajar para a lua, tornar-se imortal através da biogenética. Pode-se ter sexo com animais ou qualquer outra coisa. Mas olhem para os terrenos da sociedade e da economia. Nestes, quase tudo é considerado impossível. Querem aumentar um pouco os impostos aos ricos? Eles dizem que é impossível. Perdemos competitividade. Querem mais dinheiro para a saúde? Eles dizem que é impossível, isso significaria um Estado totalitário. Algo tem de estar errado num mundo onde vos prometem ser imortais, mas em que não se pode gastar um pouco mais com cuidados de saúde.

Talvez devêssemos definir as nossas prioridades nesta questão. Não queremos um padrão de vida mais alto – queremos um melhor padrão de vida. O único sentido em que somos comunistas é que nos preocupamos com os bens comuns. Os bens comuns da natureza, os bens comuns do que é privatizado pela propriedade intelectual, os bens comuns da biogenética. Por isto e só por isto devemos lutar.

O comunismo falhou totalmente, mas o problema dos bens comuns permanece. Eles dizem-nos que não somos americanos, mas temos de lembrar uma coisa aos fundamentalistas conservadores, que afirmam que eles é que são realmente americanos. O que é o cristianismo? É o Espírito Santo. O que é o Espírito Santo? É uma comunidade igualitária de crentes que estão ligados pelo amor um pelo outro, e que só têm a sua própria liberdade e responsabilidade para este amor. Neste sentido, o Espírito Santo está aqui, agora, e lá em Wall Street estão os pagãos que adoram ídolos blasfemos.

Por isso, do que precisamos é de paciência. A única coisa que eu temo é que algum dia vamos todos voltar para casa, e vamos voltar a encontrar-nos uma

vez por ano, para beber cerveja e recordar nostalgicamente como foi bom o tempo que passámos aqui. Prometam que não vai ser assim. Sabem que muitas vezes as pessoas desejam uma coisa, mas realmente não a querem. Não tenham medo de realmente querer o que desejam. Muito obrigado

Tradução de Luis Leiria para o Esquerda.net
<http://migre.me/9rVIV>



Slavoj Žižek



Produção associada de saberes

OFICINA do TREVO

Objetivo: Fomentar idéias para o desenvolvimento local.

Descrição:

1. Os participantes se organizam em 4 grupos.
2. Distribuir uma folha de trevo (em papel cartolina) para cada um dos grupos. Solicitar que cada grupo escreva sugestões de como contribuir para desenvolver o desenvolvimento local na comunidade onde se situa a escola em que trabalham.
3. Quando todos terminarem, as folhas passam para o grupo seguinte, de maneira que as idéias possam ser analisadas e aperfeiçoadas pelos outros grupos. Isto até que a folha inicial retorne a seus grupos de origem.
4. Quando a folha inicial retornar ao grupo de origem, todas as folhas são recolhidas e reunidas, de maneira a formar um trevo.
5. Em seguida, são feitos comentários sobre as sugestões descritas no trevo.

Material: Cartolina verde (recortada em forma de trevo) e canetas

A Oficina do Trevo foi uma das atividades do Curso EjaEcosol, promovido pela IEES/UFF no ano de 2011. Distribuídos em 5 salas, os professores/as construíram diversos trevos. Vejamos suas idéias sobre possíveis relações entre escola e comunidade.

Grupo Girasol

Produção de sabão com a reutilização de óleo de cozinha. Recolher na comunidade óleos usados em frituras, com o objetivo de evitar que seja despejado na rede de esgoto, contaminando os mananciais d'água, entupindo esgoto. Transformar esse óleo em sabão, mostrando à comunidade uma forma de preservação ambiental e geração de renda.

Grupos dos Beija-flores

Nossa proposta para Economia Solidária pressupõe o estímulo ao aluno a atuar na coletividade. Sugerimos: atividades de reciclagem; cooperativa de corte e costura; oficina de automóveis para aprendizagem da mecânica; aulas de técnicas agrícolas com produção de horta para obtenção dos produtos a serem usados na fabricação de temperos caseiros. As atividades propostas são possíveis de serem aplicadas através do programa “Escola Aberta” e com a participação da comunidade.

Fazer um centro de reciclagem, onde tudo que fosse coletado seja selecionado e direcionado para venda. A escola seria o centro de informações, o caminho para realizar o projeto, e do próprio desenvolvimento do mesmo, na comunidade.

Grupos das Andorinhas

Apresentamos algumas idéias, provenientes das diferentes experiências e locais de nossa atuação como profissionais da educação: Hábito de pescar da comunidade (Porto Novo, SG); Artesanato com restos de tecidos (Jardim Catarina, SG); potencial de agropecuária no entorno da escola (Salgueiro, SG). A escola seria o elo de informação para a organização destes trabalhos comunitários citados acima, gerando um melhor crescimento econômico e conseqüentemente um desenvolvimento social, ou seja, qualidade de vida dessas comunidades.

Grupo das Violetas

Criar uma horta comunitária. Plantio de hortaliças e plantas medicinais para consumo da unidade escolar/comunidade; Compostagem (Adubo); Reaproveitamento de alimentos/alimentação alternativa; Comercio local (renda revertida para os envolvidos no processo); Complementação do cardápio escolar

Grupo das Aguas Claras

Conscientizar a comunidade local sobre a necessidade de construção da Economia Solidária. Construção de hortas orgânicas em terrenos baldios. Incentivo a reciclagem de lixo com a produção de produtos reciclados. (designer do belo ao útil). Utilização de restos de tecido para a produção de materiais domésticos. Ex: Tapetes, toalhas, etc.

Grupo das Flores do Campo

Muitos alunos da Eja trabalham com artesanato a partir da reciclagem, porém não há uma organização, um direcionamento para formar cooperativas que valorizem estes trabalhos. Proposta: Disseminar a Economia Solidária através de palestrantes que possam mobilizar os alunos para se organizarem em for-

ma de cooperativas e conscientizar os próprios alunos e a comunidade para também consumir e valorizar os trabalhos artesanais realizados a partir de materiais reciclados.

Grupo dos Sabiás

Aproveitar os produtos produzidos pelos alunos que freqüentam a escola, divulgando-os em outras localidades, para que os mesmos possam ser comercializados para pessoas que não participaram da produção. Sugerimos que esses produtos sejam comercializados em feiras nos finais de semana na própria escola, convidando a comunidade do entorno, bem como de outros locais. Participação dos alunos no processo de organização das feiras, divididos em comissões de tarefas. Como estamos falando de Economia Solidária, sugerimos que a renda arrecadada seja aplicada na escola, em materiais ou serviços acordados entre os participantes da feira.

Grupo da Terra

Por ser uma área residencial (Bairro São Miguel – SG) onde há carência de comércio de uma forma geral, e tendo como principal destaque o cemitério local, sugerimos como atividade a serem desenvolvidas por cooperativas, a produção e comercialização de velas, lápides, caixões, coroas de flores, maquiadoras de defunto etc. Plantação de flores ou parceria com grupo de agricultura familiar que cultive flores.

Grupo dos Rios e Mares

Organizar feiras solidárias quinzenais na própria escola. Oferecer diversos serviços conforme as atividades profissionais dos alunos: Espaço de beleza, espaço de alimentação, espaço de construção civil, espaço das artes. Reunir os participantes em grupos, por tarefas, comissões de trabalho para a organização das feiras. A renda obtida é dividida coletivamente. Oferecer troca não só de serviços mas também de conhecimentos entre os próprios alunos até para um melhor relacionamento entre eles.

Grupo dos Coqueirais

Uma vez que a merenda escolar é oriunda de uma verba descentralizada, sugerimos que a produção da cooperativa de pescado faça parte da merenda escolar. Realizar a coleta seletiva na escola para possibilitar a reciclagem. Os materiais coletados podem servir para confeccionar artesanatos.”

Vivendo a economia solidária

Companheir@s, com base nas nossas discussões de sexta-feira, encaminho algumas propostas que espero que vocês ajudem a realizar e a reformular com contrapropostas.

A Bárbara falou certa aula que adotar propostas para um novo mundo exige muito das pessoas. Não sei se trata de um grande esforço, mas sem dúvida se trata de uma grande mudança comportamental, mudança de hábitos individuais e coletivos que só podemos conceber quando apoiados uns nos outros.

Sei que a maioria de nós já foi capaz de grandes passos internos para a gênese do ser humano que queremos ver habitando o mundo, sei também que isso só tem valor quando além de iniciativas internas nos articulamos coletivamente, como em um projeto como o Rio Ecosol ou tantos outros. Mas é quando estamos numa rede (a famigerada rede!) que ousamos passos mais largos na direção da postura acreditamos ser mais acertada politicamente, afetivamente, socialmente. Essa oportunidade nós temos agora enquanto grupo.

Proponho pensarmos de que modo podemos incorporar totalmente o hábito do consumo consciente (sem que para isso necessariamente precisemos ser “ricos solidários”) e o papel de multiplicadores de idéias ecologicamente corretas e socialmente justas no cotidiano das nossas relações. Como podemos servir de exemplo para nossa família, nossos amigos e colegas de que um outro modo de fazer e consumir é possível no mundo?

Podemos começar com coisas simples como:

- Iniciar uma campanha de divulgação da Economia Solidária na UFF: passando em salas, colando cartazes com algumas propostas, articulando mais a galera para a feira de trocas, etc.
- Preferir entregar nossos relatórios e resenhas em folha reciclada. Eu li que para cada 50 quilos de papel reciclado, evita-se a que 1 árvore seja cortada. Para produção de uma tonelada de papel reciclado, se gasta em média 2.000 litros de água. No caso do papel tradicional, esse volume chega a 100.000 litros de água. Essa é a atividade industrial em que mais se utili-

za água. Eu ainda estou entregando o meu em folha branca, mas esta semana mesmo estarei providenciando a folha reciclada que acabou.

- Buscar articulação com movimentos como a cadeia agro ecológica. Alguém deu essa idéia na sala... Parece que existe um modo de pagar os produtores por mês e depois ter um desconto na hora de fazer a feira ou algo do tipo. Podemos procurar isso direito e, se possível, aderir à prática. Às vezes reclamamos que não temos dinheiro para isso, mas aí vamos a uma loja e gastamos 30,00 reais em um sapato ou outra coisa que nem precisamos tanto no momento e que poderia ser adquirida de outra forma, trocando, por exemplo.

- Outra coisa que pode funcionar bem. Se estivermos precisando de algo e vamos comprar, pensar se isso não pode ser fornecido trocando com alguém no nosso próprio grupo através de e-mail (além das feiras de troca). Está na hora também de nos conhecermos melhor e aproveitar nossas habilidades coletivamente!

- Evitar consumir em determinadas lojas ou estabelecimentos famosos pelo desrespeito ao trabalhador e ao meio ambiente.

- Incorporar uma nova relação com o alimento, evitando consumir essas porcarias industriais que não tem o menor efeito positivo para o mundo e nem para nosso organismo.

- Criar uma mística para fortalecer a identidade do nosso grupo e auxiliar nosso trabalho.

Enfim, poderíamos pensar numa série de outras coisas. Creio que seja interessante pensarmos nisso coletivamente... Portanto, respondam com mais idéias e vamos partir para a ação!

Autora: Carolina Pazos (bolsista EjaEcosol)



O que é o que é...



O que é o que é...

FINANÇAS SOLIDÁRIAS

1. As finanças referem-se à utilização do dinheiro, seu preço, rendimento, proteção, transferência e controle, empréstimo e, em geral, a todas as atividades que conformam o fluxo monetário de entrada e saída ao longo do tempo. (...) em seu desenvolvimento “normal”, as finanças hegemônicas captam recursos de muitos para gerar crescente concentração e centralização entre poucos.

Em resposta a essa lógica, estruturam-se diversas modalidades financeiras, muitas vezes denominadas “finanças solidárias” (FS), visando democratizar os recursos financeiros, para que as finanças operem a serviço das necessidades de todos. (...)

2. As FSs encontram-se em um estado incipiente, nutridas por diversas modalidades financeiras com origens e enfoques sumamente heterogêneos (ainda que tenham tecnologias financeiras similares), conformando uma interessante hibridação. (...) Sua formulação mais elementar baseia-se nas cooperativas de sócios/proprietários, os quais são mútua e alternativamente credores e devedores entre si. Essas cooperativas funcionam, ao menos formalmente, de maneira democrática, já que cada sócio tem um voto.

Essa modalidade dá lugar a diferentes formas cooperativas cujo status legal e regulamentação variam muito de país para país, sendo as mais comuns a banca cooperativa, as cooperativas de economia ou crédito, as caixas cooperativas de economia ou crédito e as seções de crédito de cooperativas não-especializadas, que utilizam essa modalidade para financiar atividades ou aquisições conforme o objetivo da cooperativa. Algumas são “fechadas”, operando só com as contribuições de seus próprios sócios, enquanto outras são “abertas” e captam fundos do público em geral; algumas funcionam individualmente e outras se integram



O que é o que é.

a redes com distintos tipos de organização, havendo um modelo “atomizado-competitivo” e outro “federado” (Fischer, 2005). Este se aproxima mais do espírito das FSs, pois proíbe a concorrência entre desiguais (como as caixas de crédito da primeira faixa e os bancos cooperativos da segunda) e funciona sob esquemas de divisões técnica e territorial estritas que conformam o funcionamento do conjunto cooperativo.

(...)

A segunda modalidade financeira enquadrada nas FSs são as microfinanças, entendidas como “serviços financeiros dirigidos às unidades econômicas de pequena escala, levados a cabo por meio de uma multiplicidade de arranjos institucionais, baseados em relações de proximidade e utilizando mecanismos inovadores para atingir altas taxas de devolução e dar suporte ao manejo da liquidez e dos riscos das unidades socioeconômicas atendidas, estabelecendo relações duradouras baseadas, porém, em atividades de curto prazo” (Muñoz, 2007, p. 277). (...) As microfinanças propõem-se como um “alívio da pobreza”, e sua população-alvo é aquela excluída do sistema financeiro formal, havendo uma predominância de mulheres entre os usuários. Embora o “microcrédito” seja o instrumento microfinanceiro mais conhecido, há ampla gama de serviços, entre os quais se encontram os microdepósitos, microsseguros, remessas, microleasing, micropensões, etc.

Esses serviços funcionam mediante principalmente três tipos de tecnologias creditícias. Duas delas são de caráter grupal, compreendendo os chamados grupos solidários e o banco comunal. (...)

Os grupos solidários outorgam empréstimos a postulantes individuais integrantes de um grupo, de modo que cada um é responsável mutuamente pelo paga-

As microfinanças propõem-se como um “alívio da pobreza”, e sua população-alvo é aquela excluída do sistema financeiro formal, havendo uma predominância de mulheres entre os usuários.

mento dos créditos de todos os membros. (...)

O banco comunal consiste na formação de grupos de 30 a 50 membros proprietários, que o administram por meio de um comitê que recebe capacitação de uma agência de fomento. Essa tecnologia creditícia mobiliza poupança e outorga créditos, havendo reuniões periódicas dos membros. Os bancos são financiados por uma conta externa e por outra interna. A conta externa baseia-se em empréstimos concedidos pela agência promotora, no montante de uma quantia igual à soma das solicitações de empréstimos individuais. A exemplo do que ocorre nos grupos solidários, os membros de um banco comunal assinam uma garantia coletiva e, então, outorgam-se os empréstimos individuais. Por sua vez, a conta interna é formada por recursos dos membros, incluindo poupança, juros, multas cobradas dos integrantes, lucros de outras atividades, pagamentos parciais à conta externa, etc (...).

A terceira modalidade encontrada entre as finanças solidárias diz respeito às finanças éticas. (...) Baseiam-se na aplicação de uma série de “critérios positivos” para promover determinadas atividades (como o financiamento de atividades de comércio justo e solidário) e de “critérios negativos” para punir outras (como a produção de armamento). Seus esquemas consideram todos os atores envolvidos, sendo os poupadores que estipulam as prioridades para o destino de suas economias.

(...)

Em quarto lugar, há uma série de instrumentos monetários e financeiros inscritos nas finanças solidárias, como a emissão de moedas sociais, sistemas locais de intercâmbio mediante troca com ou sem dinheiro, bancos de horas, oferta de créditos sem juros a partir de sofisticados sistemas de poupança prévia, círculos

O banco comunal consiste na formação de grupos de 30 a 50 membros proprietários, que o administram por meio de um comitê que recebe capacitação de uma agência de fomento.

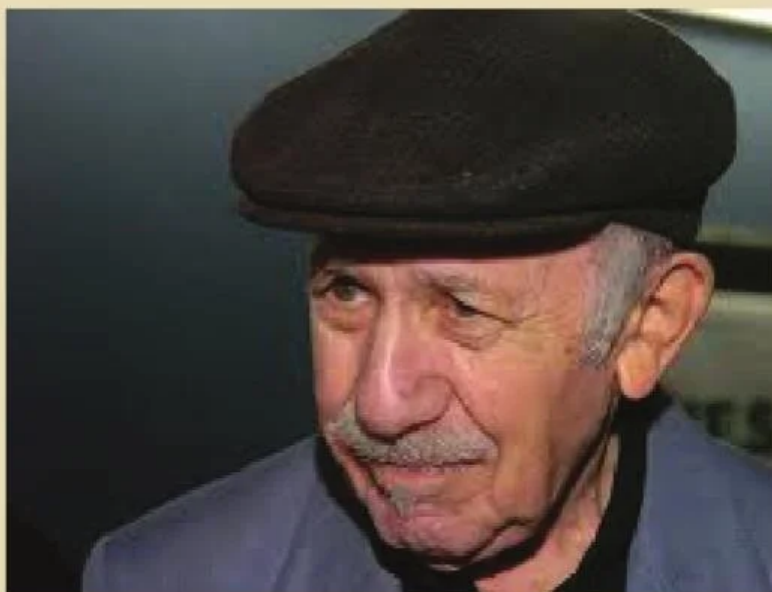
de poupança entre vizinhos, associações de capital de risco de proximidade, garantias de abrangência vicinal e financiamento via hibridação com recursos do Estado, do mercado, de doações e de sócios, entre outros. Estes, por sua vez, se nutrem das modalidades anteriores e com elas se misturam, dando lugar a práticas complexas e inovadoras. Como exemplos, há o Banco Palmas, do Brasil, a Red de Útiles Financieros Alternativos y Solidarios, da Espanha, e a FIDUCIE du Chantier de l'Économie Social, do Canadá.



Por último, destacam-se as políticas públicas baseadas nas FSs, sendo o Brasil um país inspirador nesse sentido e Paul Singer um de seus promotores. O autor considera que uma política deste tipo deveria redistribuir a renda, combater a pobreza e ampliar o mercado interno das massas, para o qual se necessita de uma nova arquitetura financeira. (...)



3. Com respeito à situação atual das FSs, em primeiro lugar, há um crescente desenvolvimento de debates específicos, os quais geralmente se constituem e adquirem sentido dentro da própria modalidade financeira, em vez de abranger o conjunto de modalidades e instrumentos das FSs. Essa realidade pode ser ilustrada com o caso do cooperativismo de economia e crédito, no qual há as questões da governança interna e da relação entre as cooperativas e o seu entorno, acompanhadas do risco de abandono do consórcio e da revitalização das regras cooperativas (...).



Paul Singer

Em decorrência dessa falta de uma visão mais abrangente, pouco avançam as abordagens que tratam as FSs em seu conjunto. Seria necessário aprofundarem-se, por exemplo, as análises sobre o papel mais ade-

quando a cada modalidade e os distintos desenhos possíveis, a forma como se relacionam com as finanças hegemônicas, etc.

(...)

É questionável o conceito de “solidariedade” sobre o qual se fundam algumas iniciativas em finanças solidárias. Nesses casos, sua base é individual e direcionada aos excluídos do sistema financeiro que utilizam microcréditos (atividades de baixa escala, ciclos produtivos curtos, etc.), discriminando, por exemplo, os atores coletivos, de maior escala e nível organizacional, os quais igualmente carecem de acesso ao sistema financeiro formal – tal como as empresas recuperadas. Ademais, esse conceito de solidariedade, muitas vezes, não problematiza os atores responsáveis pelas decisões, ou a forma de dividirem os lucros e custos – em última instância, a técnica do “grupo solidário” constitui uma transferência, pelos prestamistas de grande parte, dos riscos de recuperação às mãos dos prestatários. Essa imprecisão traduz-se por um risco latente nos novos serviços microfinanceiros (como os “microseguros de saúde” ou as “microprevidências”), os quais, afastados da disputa por uma segurança social solidária, solidificam um conteúdo político que cerceia a construção de uma economia ancorada na reprodução da vida de todos.

Definitivamente, as FSs devem estar necessariamente inseridas na disputa pela outra economia e por outra sociedade. Sem esse alinhamento, é impensável um verdadeiro progresso em direção à sua politização nos termos de tais utopias.

Autora : Ruth Muñoz

Bibliografia

Blanc, J. (Ed.) (2006), *Exclusion et liens financiers: monnaies sociales*, Paris: Economica. Rapport du Centre Walras 2005-2006.

Fischer, K. (2005), *Governance, regulación y desempeño de intermediarios financieros mutuales*. In: Federico Sa ba té, A.; Muñoz, R.; Ozomek, S. (Coord.), *Finanzas y economía social: modalidades en el manejo de los recursos solidarios*. OSDE -UNGS, Buenos Aires: Altamira.

Muñoz, R. (2007), *Alcance de las microfinanzas para el desarrollo local. Microcrédito en el Conurbano Bonaerense: el Banco Social Moreno y Horizonte*, In: Verbeke, G.; Carbonetti, C.; Ozomek, S.; Muñoz, R. (Coord.), *Las finanzas y la economía social: experiencias argentinas*. UNGS, Buenos Aires: Altamira.

MUÑOZ, Ruth (2009). *Finanças Solidárias*. In In: CATTANI, Antonio David; LAVILLE, Jean-Louis; GAIGER, Luiz Inácio; HESPANHA, Pedro. *Dicionário Internacional da Outra Economia*. São Paulo/Coimbra: Almedina Brasil Ltda; Edições Almedina S A. 2009, p. 208-212

Singer, P. (2005), *Contribución para una política nacional de crédito popular*. In: Federico Sa ba té, A.; Muñoz, R.; Ozomek, S. (Coord.), *Finanzas y economía social: modalidades en el manejo de los recursos solidarios*. OSDE -UNGS, Buenos Aires: Altamira.

NÃO CONFUNDA EMPREENDEDORISMO COM ECONOMIA SOLIDÁRIA !!!

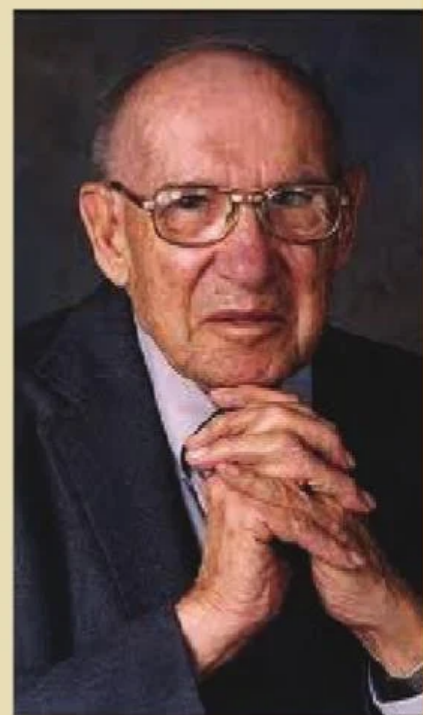
O primeiro sentido do termo empreendedorismo diz respeito ao ato ou ação de quem empreende, do empreendedor, do sujeito que investe, se arrisca, tenta, implementa, cria, recria, constrói ou reconstrói e, sobretudo inova. Nesse caso, a noção de empreendedorismo está relacionada à ação (permanente) de pessoas ou grupo de pessoas que, por reunirem condições para desenvolver o “trabalho por conta própria” – como ambição, disciplina e perseverança –, têm potencialidades para se tornarem empresários ou empreendedores, realizar negócios não usuais, por vezes contrários aos costumes. No segundo sentido, empreendedorismo pode ser visto como orientação econômica ou como diretriz de gestão da força de trabalho. Como orientação econômica, é justificada como permanente necessidade de investir em novos mercados para garantir o sucesso dos negócios e/ou o bom funcionamento do sistema capitalista. Como diretriz de gestão da força de trabalho, emerge no contexto de surgimento de tecnologias de produção de bens e serviços, que são calcadas no trabalho flexível, como requerimento de uma cultura do trabalho que solicita aos trabalhadores tomarem iniciativa e criar soluções alternativas à falta de empregos para todos. Por fim, empreendedorismo também é entendido como concepção educativa, na maior parte das vezes, relacionada à perspectiva empresarial, em que se procuraria estimular, capacitar, desenvolver no educando as características e qualidades do empreendedor.

A noção de empreendedorismo está relacionada à ação (permanente) de pessoas ou grupo de pessoas que, por reunirem condições para desenvolver o “trabalho por conta própria” – como ambição, disciplina e perseverança –, têm potencialidades para se tornarem empresários.

Grande parte dos trabalhos científicos que trata do tema reconhece na obra do economista Joseph Schumpeter (1982) os elementos que conformam as principais características do que seria empreendedorismo ou ação empreendedora. Não obstante, esses mesmos trabalhos (ALVES, 2005; SOARES, 2004) ressaltam que Schumpeter não tratava precisamente do tema empreendedorismo, mas da economia no sentido amplo e, no máximo, da figura do empresário frente aos desafios da organização. De Schumpeter interessa a reflexão de que na economia capitalista para haver desenvolvimento é imprescindível que aconteça a inovação. Peter Drucker acentua o caráter imprescindível da “inovação” e não apenas da “oportunidade”, sendo apontado como um dos autores que mais contribuiu à noção de empreendedorismo. Drucker tem uma influência marcante na Administração, isso demonstra, ao menos em parte, o quanto este tema é caro a essa área. Baseados neste autor, alguns teóricos da Administração levaram essa noção de empreendedorismo para dentro das empresas e a complementaram com os termos “empreendedorismo interno” ou “intra-empreendedorismo” (ALVES, 2005). Todos esses acréscimos vão dando a conformação atual do termo. No que se refere ao rol de características atribuídas (exigidas) ao empreendedor, há apontamentos que colocariam também o empreendedorismo na perspectiva da Psicologia (do trabalho) e um pouco menos na direção da Economia e da Administração (SOARES, 2004). A princípio, empreendedorismo seria um estado ou condição em que se encontra o empresário no momento de risco, no momento do investimento. Seu sentido está relacionado à capacidade de perceber oportunidades, ao espírito de arrojo e de coragem para entrar num novo negócio. Não obstante, o termo tem se expandido; descentrou-se da figura do empresário para caracterizar também altos funcionários de uma empresa que ousam novos caminhos e procuram novas formas de negócio que propiciem maior produtividade. Destar-



Joseph Schumpeter



Peter Drucker

te, a expansão prossegue, a idéia de empreendedorismo atingiu os funcionários do médio escalão, os trabalhadores de base e chegou até os desempregados; para estes na possibilidade do reemprego. Essa expansão do termo aos trabalhadores (estejam eles desempregados ou não) está associada à noção de empregabilidade (v.), correspondendo a uma perspectiva ideológica delineada.

Uma das críticas ao empreendedorismo o relaciona à mesma matriz teórica que fundamenta a teoria do capital humano, à noção de empregabilidade, à pedagogia das competências, etc. (DIAS, 2006), em considerar que essas idéias estão vinculadas ao um determinado projeto de sociedade que procura se fazer influente nas propostas educacionais. Destarte, aprofundando-se na crítica, o empreendedorismo vai se tornando um termo cada vez mais de fetiche, já que relações sociais dominantes lhe infligem sentido. Primeiramente, em relação à suposta “liberdade” do agente empreendedor frente ao mercado, sobretudo quando se trata do trabalhador. A contradição é tão evidente, que alguns autores reconhecem haver um tipo de “empreendedorismo por necessidade” (ALVES, 2005, p. 53) diferente do “empreendedorismo que identifica oportunidades”. O por “necessidade” estaria associado, por exemplo, ao desempregado que se vê na obrigação de tornar-se um empreendedor (no sentido de “trabalhador por conta-própria”) e também aos trabalhadores que se associam e se organizam em torno da Economia Popular Solidária para enfrentar o desemprego ou a precariedade do trabalho. Na perspectiva do Capital, para qualquer tipo de empreendedor estaria pressuposta a liberdade de aproveitar uma oportunidade e realizá-la; a liberdade é sobretudo a da criatividade, pois, o empreendedor que não é livre dificilmente consegue inovar. O limite ou falseamento dessa visão

Uma das críticas ao empreendedorismo o relaciona à mesma matriz teórica que fundamenta a teoria do capital humano, à noção de empregabilidade, à pedagogia das competências, etc.

está precisamente na pretensão de diminuir a influência das outras variáveis, como a do investimento, a da legislação, a das necessidades materiais básicas, etc. Na verdade, o que existe realmente é a liberdade inicial de se arriscar, mas o sucesso é determinado pelo mercado. Um outro ponto a complementar a idolatria do empreendedorismo está na intrínseca proposição de que todos podem empreender (até simultaneamente) novos negócios, o que no capitalismo representa um contra-senso, já que o sentido desse sistema é exatamente o da concentração de capital, da renda e da propriedade. Uma sociedade de empreendedores é um argumento falso formulado de propósito para induzir outros a erro, pois o capital não se diversifica simplesmente, mas se desloca; ele não se redistribui espontaneamente, mas se concentra. A propaganda do “torne-se seu próprio patrão” é uma outra característica associada ao empreendedorismo, por esse aspecto revela-se que o termo não se baseia no trabalhador, mas no empresário. A questão é que, ao se propor assumir o lugar do patrão, não há mudança real no mundo dos negócios, mas apenas de tomada de posição.

No Brasil, com o esgotamento do regime fordista de acumulação de capital, o empreendedorismo ganha relevância a partir dos anos 1990. Neste contexto ganham destaque projetos educativos que contam com a participação do governo, do SEBRAE e com a contribuição de organizações não governamentais - ONGs (DIAS, 2005). Um dos objetivos destacados é desenvolver uma mudança cultural quanto às expectativas dos jovens em relação ao mundo do trabalho e educá-los de maneira a torná-los “jovens empreendedores” (SEBRAE, 2003). Do empreendedorismo poder-se-ia interessar a proposta de enveredar por outros caminhos que fossem concretamente novos, ou seja, diferentes daqueles que propõem assumir o lugar do patrão, estimular individualismo exacerbado (“Você S.A.”) ou alienar-se da situação de desem-



A propaganda do “torne-se seu próprio patrão” é uma outra característica associada ao empreendedorismo, por esse aspecto revela-se que o termo não se baseia no trabalhador, mas no empresário.

O que é o que é...

prego com ações que no fundo são resultantes da precarização do trabalho. Mas, no final das contas, pesa a dificuldade de separar o empreendedorismo dessas idéias. Recentemente vem aparecendo propostas de “empreendedorismo juvenil” e de “empreendedorismo social”, baseadas na coletividade das relações de trabalho e de consumo. Ainda que tais propostas possam ser consideradas um disparate em vista do paradoxo que existe entre os pressupostos envolvidos, são questões presentes nos debates e práticas de Economia Solidária que requerem reflexão e posicionamentos críticos.

Autores: Lia Tiriba e Alexandre Maia do Bonfim

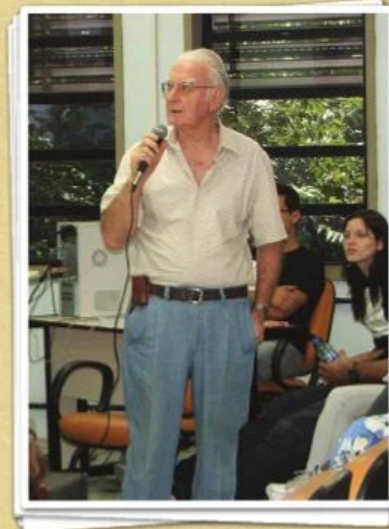


Bibliografia:

- ALVES, Rafael Duton. **Empreendedorismo e o processo identificação de Oportunidades**. 2005. 115f. Departamento de Administração – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.
- CAMPOS, Marilene de Souza. **A Empresa como Vocação: o SEBRAE e o Empreendedorismo na Cultura da Informalidade como Problema Público**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.
- COSTA, Antonio Carlos G. **Educação para o empreendedorismo: uma visão histórica**. In. NOVAES, R. e VANNUCHI, P. (orgs). *Juventude e sociedade. Trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2004. p. 242-258.
- DIAS, Graziany Penna. **Empreendedorismo e Educação: o SEBRAE na escola**. 2006. 149f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.
- DRUCKER, P. F. **Inovação e Espírito Empreendedor: prática e princípios**. São Paulo, Pioneira, 1987.
- SCHUMPETER, J. A. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Editora Abril Cultural (Coleção “Os Economistas”), 1982.
- SEBRAE. **Aprender a empreender. Manual do participante**. SEBRAE- SP/Sebrae Nacional, 2a ed. Brasília: Sebrae, 2003.
- SOARES, Cláudia Soares. **A Influência das Organizações na Formação de Certas Competências do Empreendedor**. 2004. 94f. Dissertação de Mestrado – Departamento de Administração – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004.

Agradecimento aos Professores das Redes Municipais de Educação de Niterói e São Gonçalo que participaram na construção do material pedagógico

Adriana Martins dos Santos
 Alba Maria Souza do Nascimento
 Aluisio Tacildo Costa Filho
 Amanda Moreira Borde
 Ana Cláudia de Andrade Almeida
 Ana Cristina Costa Magalhães
 Andréa de Souza Fontes
 Ângela Maria Azevedo Rangel
 Angélica Quintanilha J. D. Lemos
 Anna Carolina Perez C. Martins
 Augusto Beug Netto
 Ayses Barreto Barbosa
 Bianca da Silva Duarte
 Carlos Fernando Vizeu Pontes
 Claudia da Silva Malta
 Claudia Helena Cezario Ferreira
 Claudia Paixão Conceição Rosa
 Cledir Ribeiro da Silva
 Cristine de Souza Coutinho dos Santos
 Danielle Velasco Estevam
 Dione Barbara da Silva
 Dulcineia Manhaes
 Edilene Corrêa Rocha
 Edson da Silva Gomes
 Elizabeth Moraes Vianna
 Fatima Moreira Magalhães
 Fernando Pereira do Nascimento Junior
 Gerson Barbosa Feitosa
 Gisele Batista Herdy
 Gloria Regina Zarate de Souza
 Hulda Correa de Lima Silva
 Isabel Christina Goudard Braga
 Izilda Maria Coutinho Araujo
 Jacira de Paiva Dobbin Barros
 Janaína Badini Tubenchlak
 Jane da Silva Chagas
 Janine de Souza Siqueira
 Joaquim Francisco de Pinho Filho
 Jorsélia Ferreira Santos
 José Augusto Costa Ribeiro
 José Renato Vieira Rodrigues
 Karla Christina Porto de Oliveira Ferreira
 Katia Cristina Eccard Bersot
 Layla Souza da Silva Amorim
 Liliane de Castro Matta Mangelli
 Lisiane de Aguiar Tavares
 Lucilene Nogueira Neves
 Lucimara de Oliveira Santos Coelho
 Máira Vieira do Vale
 Márcia Luzia Cardoso Carneiro
 Márcia Valéria Ribeiro de Britto
 Marco Antonio Barbosa Bustamante Sá
 Marcos Marcelino Costa de Barros
 Maria Augusta Ferreira Miguel
 Maria José dos Santos Tavares
 Maria Lúcia Xavier Cavalcante
 Maria Luiza Pereira Soares
 Mauro Soares
 Mercêdes Olympia Costa Durão de Barros
 Monica Bento da Silva
 Osvaldo Elias de Brito Borges
 Patrícia Ferreira Yamamoto
 Patrícia Lannes de Oliveira Rodrigues
 Regina Celia Saboia
 Regina Quintanilha Braga
 Renata Campos Rodrigues
 Roberta Adriana Anillo Monteiro
 Ronaldo Pimentel Baptista
 Rosa Therezinha Tavares Gomes
 Rosângela Dos Santos Corrêa
 Rose Mary S. C. Ribeiro
 Roseli Lemos
 Rosely Farias Sardinha
 Rosinete Vitorino Mendes Guimarães
 Sergio Mendonça Kienen
 Silvana Augusta De Freitas Mota
 Silviane de Oliveira Silva
 Simone Santos dos Reis
 Thaiza Valéria Silva Soares
 Valéria Gualter Coutinho
 Vagner Luiz Brum dos Santos
 Vanda de Assis Torres Barreto
 Vera Lucia Braga
 Washington Mousinho Lins dos Santos



LEIA OS OUTROS CADERNOS DESTA COLEÇÃO

